



retalhos



RETALHOS

The logo consists of the word "RETALHOS" in a bold, sans-serif font, colored dark red. It is enclosed within a square frame that has a thick red border and a thin white inner border.

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)
Amanda Saba Ruggiero
Aline Coelho Sanches
Kelen Almeida Dornelles
Luciana Bongiovanni M. Schenk
Joubert José Lancha

Coordenador do Grupo Temático (GT)
Jeferson Tavares

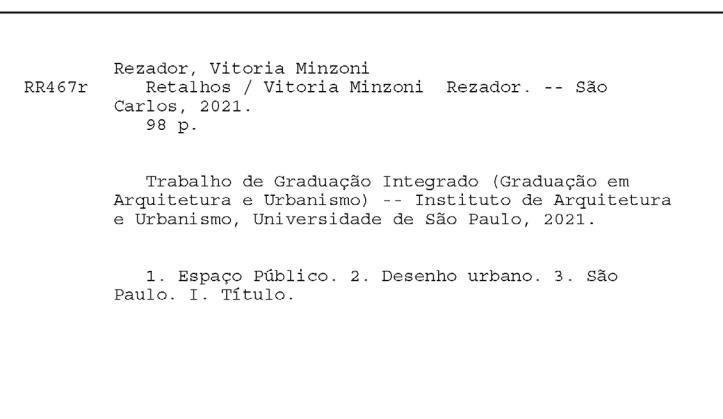
São Carlos, Julho de 2021
VITORIA MINZONI REZADOR

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

RETALHOS

Trabalho de Graduação Integrado apresentado no Instituto de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP de São Carlos
Vitoria Minzoni Rezador

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)



Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

BANCA EXAMINADORA:

Joubert Lancha
Instituto de Arquitetura e Urbanismo
USP São Carlos

Jeferson Tavares
Instituto de Arquitetura e Urbanismo
USP São Carlos

Camila Moreno de Camargo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo
USP São Carlos



AGRADECIMENTOS

À Julia, por ser minha irmã. Por acompanhar, cuidar e vibrar a cada passo, pelo café sempre a tempo.

Aos meus pais, porque sem eles não seria o que sou. Minha mãe, pelo cuidado e motivação, pelo olhar sensível que tanto me ensinou. Meu pai, por ter me despertado o amor por São Paulo e o sentimento de me sentir em casa, mesmo que nunca a tenha sido.

Ao Mateus, por ser meu companheiro e me motivar sempre me acalmando. Pelas imensuráveis ajudas nesse processo e na vida.

Aos meus amigos, por todos os momentos que compartilhamos juntos, em especial à Bia e ao Leo, por sempre terem sido meu ponto de apoio, e à Amanda, por toda troca nesses últimos momentos de fechamento de um ciclo.

Aos professores, por todo ensinamento. À Camila, por ter aceitado o convite de participação da banca e inspirar de tantas maneiras. Ao Joubert e Jefferson, pelo direcionamento e orientação certeira. Ao Castral, por ser mentor base de toda minha formação.

A todos que fizeram parte e cresceram junto comigo nessa trajetória.

RESUMO

O presente trabalho possui como ponto de partida o interesse pelos espaços públicos urbanos, e sobretudo, nas práticas sociais realizadas nesses espaços. O processo de transformação das cidades contemporâneas tem como resultado uma intensa modificação da paisagem urbana, consolidando um espaço urbano fragmentado. Essa lógica de sobreposições e ajustes do espaço da cidade para responder as demandas de crescimento tem como consequência o surgimento de espaços residuais, espaços do entre, não-lugares, nomeado diferentemente por vários autores. O princípio norteador deste trabalho é ressignificar a malha urbana existente, mediante a incorporação de dinâmicas e características existentes, com o intuito de evidenciar o que esses espaços dispõem enquanto potências de trocas sociais.

O termo "público" por essência pode ser definido como o encontro com o diferente. No uso do espaço público que se revelam as contradições, os interesses e as disputas entre grupos sociais distintos. Nesse sentido, é fundamental o incentivo às práticas sócio-espaciais capazes de produzirem a sociabilidade. Destaca-se nesse contexto a importância da cultura, do lazer e de práticas não-mercadológicas para estabelecer novas formas de luta e de apropriação do espaço público. Para melhor compreender o espaço público enquanto prática social, fez-se necessário um estudo mais aprofundado sobre a produção dos espaços na cidade e suas consequências.

SUMÁRIO

01	QUESTÕES E INQUIETAÇÕES	11
	DIREITO À CIDADE	11
	ESPAÇOS ENTRE	15
	CONCEITO DE LUGAR	18
02	LEITURAS URBANAS	22
	A CIDADE DE SÃO PAULO	22
	GLICÉRIO	30
03	PROJETO	60
	DIRETRIZES PROJETUAIS	60
	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	62
	RECORTES	64
	{A}	64
	{B}	72
	{C}	82
04	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

01 DIREITO À CIDADE

T2

T3

O trabalho inicia-se a partir de um estudo sobre os processos de produção da cidade e as consequências desse tipo de produção nos espaços urbanos. A noção sobre o "direito à cidade" foi desenvolvida pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre em seu ensaio seminal intitulado "Le droit à la ville". Segundo o autor, esse direito se constituía como uma queixa em relação "a crise devastadora da vida cotidiana na cidade" e ao mesmo tempo uma exigência em criar uma vida urbana alternativa que fosse menos alienante, e mais significativa.

O autor desenvolve uma crítica baseada nas consequências que o modo de produção capitalista gera nas cidades, constatando a luta de classes como geradora da desordem urbana e enfatizando a "classe trabalhadora" como agente da transformação revolucionária. Para entender esse impacto da produção capitalista no espaço urbano, Lefebvre parte do entendimento do espaço como produto, mas não como um produto qualquer. Para Lefebvre o espaço é o pressuposto de toda produção e de todo intercâmbio.

Em sua obra "Espaço e Política", o autor aponta o cotidiano e o urbano como ao mesmo tempo produtos e produção, que ocupam o espaço social gerado por eles e através deles. O espaço urbano é colocado não apenas como o espaço de reprodução do capital, mas também como expressão das relações sociais. Tal colocação se aproxima dos ideais de Bourdieu (1997), ao afirmar que o espaço da cidade é a manifestação física do espaço social. O espaço urbano é, portanto, o espaço onde se revelam também as oposições entre os grupos sociais.

O espaço social se constitui como uma modalidade da produção na qual as contradições se manifestam, em que as relações de produção se ampliam, gerando novos conflitos, formando o urbano, o "espaço como

lugar de encontro". Nesse sentido, existe no urbano uma multiplicidade de práticas passíveis de serem transformadas em possibilidades alternativas. Lefebvre defende o conceito de heterotopia, que delinea espaços sociais limítrofes de possibilidades onde "algo diferente" é não apenas possível, mas primordial para a definição de trajetórias revolucionárias.

O geógrafo britânico David Harvey, em seu livro "Cidades rebeldes" afirma explorar um tipo de direito coletivo, que tem por definição a retomada das ideias de Lefebvre sobre o direito à cidade e a incorporação de novos conceitos às formulações de Lefebvre sobre o tema. Harvey (2014) define o direito à cidade como não apenas um direito de acesso aos recursos presentes na cidade, mas como um direito de tomada de decisões sobre ela, transformando-a e reinventando-a segundo as necessidades da vida coletiva, construindo assim, a cidade como exercício de uma ação coletiva. Esse direito coletivo definido por Harvey diz respeito à participação da população na produção da cidade, na configuração do ambiente urbano em que se desenvolve as sociabilidades.

Reivindicar o direito à cidade no sentido que aqui proponho equivale a reivindicar algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização, sobre o modo como nossas cidades são feitas e refeitas, e pressupõe fazê-lo de maneira radical e fundamental (HARVEY, 2014, p. 30)

Harvey aponta a relação de dependência entre os processos de urbanização e o capitalismo. As cidades surgiram da concentração geográfica e social de um excedente de produção. Pode-se afirmar que a urbanização precisa do capitalismo para gerar esse excedente de produção e o capitalismo precisa da urbanização para absorver esse excedente que nunca deixa de produzir. Tais excedentes,

são extraídos de algum lugar ou de alguém e o uso do lucro acumulado está sob o controle de uma minoria social, nesse sentido, a urbanização é colocada como um fenômeno de classe. Dessa maneira, Harvey revela uma forte correlação entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização.

O desafio que se coloca é justamente o de criar novas formas de apropriação da cidade, de forma a romper com a lógica capitalista hegemônica. A defesa da participação da população na produção do espaço relaciona-se à crença do autor no poder revolucionário dos movimentos sociais, salientando que a forma de reivindicação do direito à cidade seria através da mobilização social, tendo como principal norteador a exigência do controle democrático sobre a produção do espaço urbano.

01 ESPAÇOS ENTRE

O arquiteto urbano trabalha com o entre, nesses espaços do entre, espaços sempre na beira, no limite. Estar entre não significa, aqui, estar isolado de um lado e de outro, mas sim estar ao mesmo tempo nos dois lados, na intersecção. Ou seja, significa uma possibilidade de abertura, uma ponte, um espaço de passagem tanto para um lado quanto para o outro. O arquiteto urbano, ao propor trocas e negociações entre os mais diversos atores urbanos, possibilitaria a coexistência de diferentes concepções e interpretações urbanas, promovendo a participação de todos na construção coletiva de cidade. Ele também seria aquele que é sensível a todos os fluxos de espaços-movimentos, respeitando as mais diversas relações e diferenças possíveis – temporais e outras, e, consequentemente, valorizando a própria alteridade e diversidade na arquitetura urbana.

Estética da ginga, Paola Berenstein Jacques, 2003.

Os processos de transformação urbana geram espaços que são resíduos dos mesmos. Esses espaços residuais são entendidos no seu sentido mais amplo: aquilo que é esquecido, deixado de lado, as sobras. O espaço residual é aquilo que está entre uma coisa e outra, ou seja, entre a construção e reconstrução do território urbano, é a consequência inerente das sobreposições de camadas e tempos dos processos.

Um exemplo desses processos é a construção de infraestruturas a fim de conectar os espaços da cidade em escala macro, mas que acabam desarticulando a malha urbana em que estão inseridos. Por se tratarem intervenções de grande porte, como os viadutos, essas marcam a paisagem onde se inserem e dificilmente desaparecem, principalmente as de mobilidade que são essenciais para o fluxo da cidade, e acabam se tornando um referencial na paisagem urbana. Nesse sentido, essas mesmas infraestruturas que rompem a cidade, também se tornam pontos de referência geográfica nas metrópoles. As linhas de metrô por exemplo, se tornaram eixos direcionais e demarcam pontos de aglomeração e encontro.

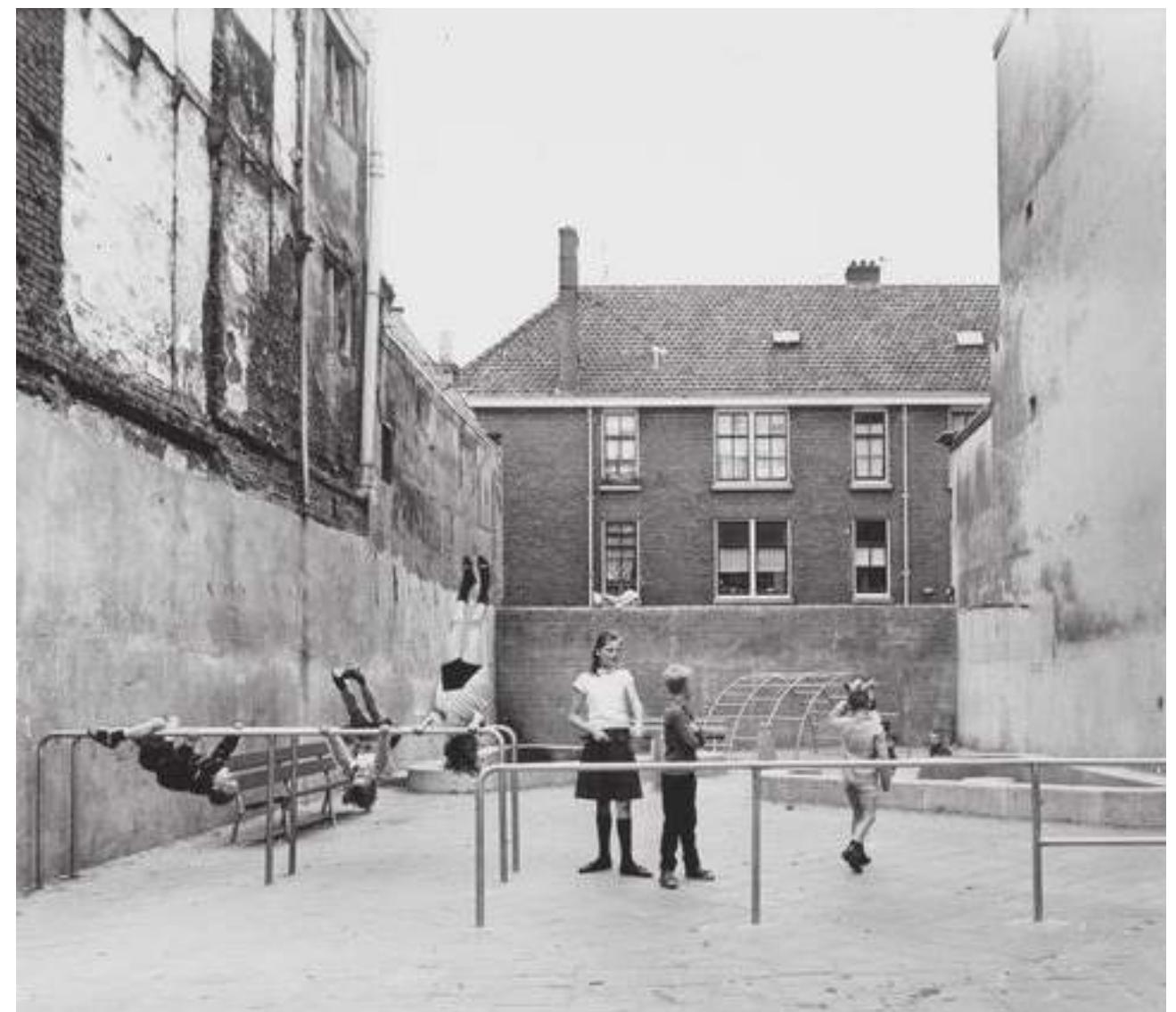
Em meio a esses movimentos desarticuladores da malha urbana, são gerados espaços livres como consequência da implantação dessas infraestruturas. Os espaços residuais possuem um potencial muitas vezes não explorado, em que ao invés de uma potencialização desses espaços públicos, o que se tem muitas vezes é o impedimento de apropriação por parte da população. Um outro exemplo de espaços residuais resultantes dos processos de transformação urbana são os espaços de meio de quadras.

O intuito deste trabalho é olhar para esses espaços residuais, a fim de evidenciar o que eles tem para oferecer enquanto condensadores de sociabilidades. O entendimento e intervenção nesses espaços entre é o ponto de investigação tanto teórica quanto projetual do trabalho. A reflexão que se coloca é perceber as dinâmicas existentes nesses espaços residuais e potencializá-las.

Os espaços residuais se configuram como espaços entre coisas, entre duas ou mais situações, e como tal, é a espera do que possa vir a acontecer. "Estar entre as coisas, entre lugares, diz respeito a não ser isso nem aquilo, um ou outro, mas a chance de vir a ser outro possibilitando justamente por essa indefinição" (GUATELLI, p. 14, 2012). O arquiteto Aldo Van Eyck com seus projetos de parques infantis em miolos de quadra, é um exemplo da ideia de intervenção em espaços entre.

Esses espaços do entre, como explicitado por Guatelli, são pautados na imprevisibilidade, e como tal, sugerem pensar na multiplicidade que podem oferecer projetualmente. "Falando especificamente do espaço urbano, poderíamos discutir sobre o espaço de intermediação entre diferentes ações (a partir de diferentes vozes) com intenções conflitantes que poderiam engendrar novas possibilidades" (GUATELLI, 2005). Nesse sentido, propõe-se potencializar aquilo que esses espaços querem ser e as dinâmicas que esses espaços consolidam no território.

playgrounds de Aldo Van Eick.
fonte:<https://piseagrama.org/a-cidade-como-playground/>



01 CONCEITO DE LUGAR

20

A introdução do conceito de lugar no âmbito das discussões aqui levantadas, possibilita avançar no sentido de incorporar a capacidade que a vida cotidiana e a apropriação do espaço possuem na construção da identidade do indivíduo e da possibilidade das experiências do uso, que se colocam mais que a simples materialidade do espaço, uma vez que envolvem aspectos do imaginário, do simbólico e da potencialidade de transformação.

O conceito de lugar é definido segundo Carlos (1996) pela tríade habitante-identidade-lugar, sendo "a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua (...)" (CARLOS, 1996, p.20). Os "lugares" relacionam-se com o cotidiano, com a apropriação de um espaço pelo seu uso, são assim, espaços do vivido, carregado de significados que criam identidade.

Segundo as formulações de Rogério Leite em seu livro "Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea", coloca-se uma distinção entre espaço urbano e espaço público, através a afirmação de existência de "lugares". Entende-se por "lugar" a demarcação física e/ou simbólica no espaço, em que os por meio do uso são qualificados, que lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais.

Para o autor, a qualificação sociológica de um espaço mediante as práticas interativas que lhe atribuem sentidos, configuram os "lugares". "A convergência de sentidos atribuídos é, portanto, uma condição necessária para que se pratique um espaço e o transforme em lugar." (LEITE, 2004, p. 284). Os limites e diferenças entre o espaço urbano e um espaço público contribuem para compreender "a dupla inserção conceitual entre espaço e sociabilidade pública", entendendo a sociabilidade como práticas interativas, conflitivas ou não, que ocorrem no cotidiano. O que difere

um espaço urbano de um espaço público são justamente essas práticas interativas entre os agentes envolvidos na construção social do espaço, que ocorre nos espaços públicos e o diferencia de um espaço urbano qualquer.

Quando se tem a interação entre "espaço e ação", tem-se um espaço público, formado da interação entre esfera pública e espaço urbano. Essa interação deve ser entendida como resultado da convergência entre o exercício da sociabilidade (ação) e os espaços que por ela são construídos. A distinção colocada acima entre espaço público e urbano é imprescindível para a noção de lugar, uma vez que de modo semelhante à construção do espaço público, um "lugar" implica a coexistência de um espaço qualificado simbolicamente e de ações que lhe atribuem sentidos. Assim como o espaço público, o "lugar" é uma categoria social que se distingue de pontos isolados de significação no espaço urbano. Assim, pode-se afirmar que as demarcações socioespaciais podem configurar "lugares", e esses por sua vez, conferem sentido público ao espaço urbano.

Nesse sentido, os espaços públicos que possibilitam a interação entre os usuários, o exercício da sociabilidade e ações simbólicas, são considerados "lugares" e não apenas espaços enquanto demarcações espaciais. Para existir um "lugar" é necessário que as práticas sociais sejam relacionadas ao espaço, e isso é possível de ocorrer nos espaços públicos. Pode-se afirmar então que através da dimensão de "lugar" do espaço público, esse se distingue de ser apenas um espaço urbano qualquer, uma vez que a dimensão simbólica dos espaços públicos enquanto "lugares", o constituem de práticas de sociabilidade que lhe atribuem sentidos.

O espaço público pode ser compreendido como o espaço da diferença, do encontro com o diferente. "Assim, faz

21

sentido pensar na concepção do espaço público também a partir da constituição das diferenças, que não apenas se especializam nos lugares como criam uma dinâmica interativa (...) no exercício cotidiano e público da afirmação da alteridade" (LEITE, 2004, p. 318). No espaço público que ocorre as desiguais inserções sociais dos agentes envolvidos, gerando as sociabilidades com o outro. As sociabilidades dizem respeito tanto as práticas interativas que possibilita a troca de experiências comuns quanto a afirmação das suas diferenças. A apropriação do cotidiano gerado nos espaços públicos é assim uma experiência coletiva criadora do pertencimento. "Por isso, (...) as formas cotidianas de apropriação política dos lugares, que publicizam e politizam as diferenças" (LEITE, 2004, p. 318) atribuem sentidos e qualificam os espaços urbanos como espaços públicos.

No âmbito dessas discussões, é possível refletir sobre a capacidade que a vida cotidiana e a apropriação do espaço possuem na construção da identidade das pessoas, através das experiências do vivido, do uso, que vão além da simples materialidade do espaço, uma vez que envolvem o subjetivo por meio do imaginário e do simbólico na construção de "lugares".

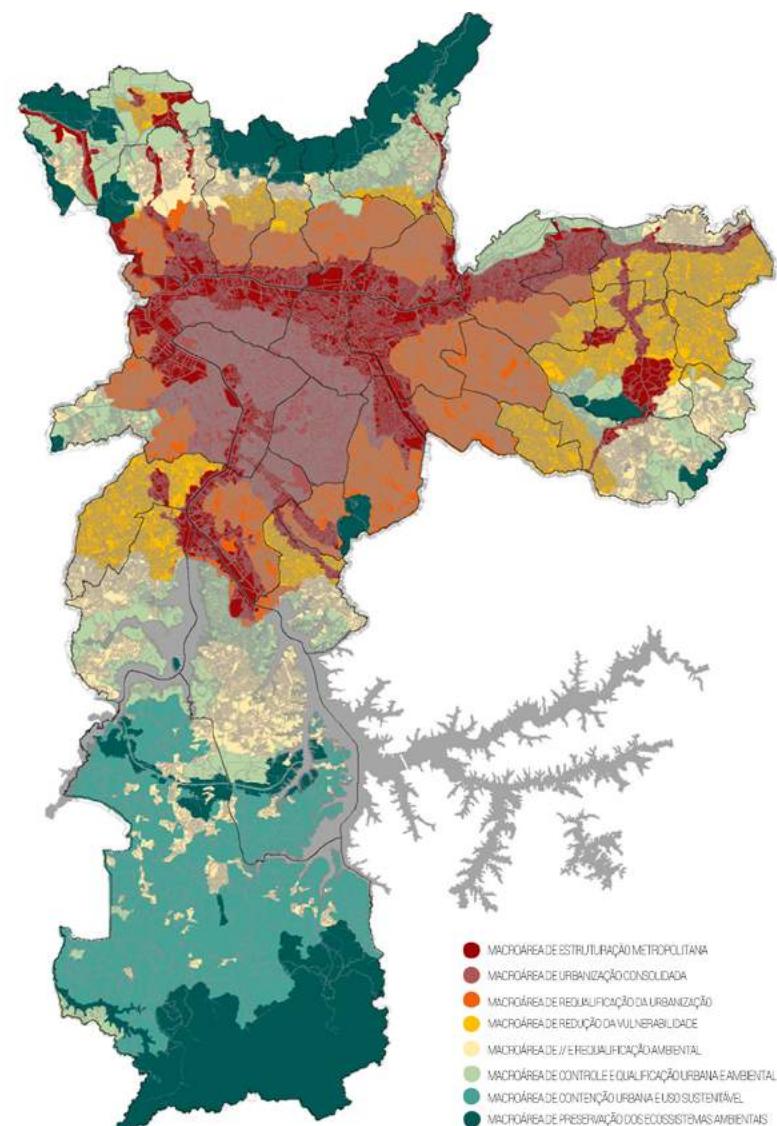
A partir do entendimento da importância dos espaços públicos como "lugar" da sociabilidade, da possibilidade de encontro e intercâmbio, o lazer e as atividades culturais não restritas, normatizadas e vigiadas se colocam como uma prática social definidora do espaço público, como formas de apropriação desse espaço capazes de resgatar o seu sentido tradicional e sua dimensão pública.

02 A CIDADE DE SÃO PAULO

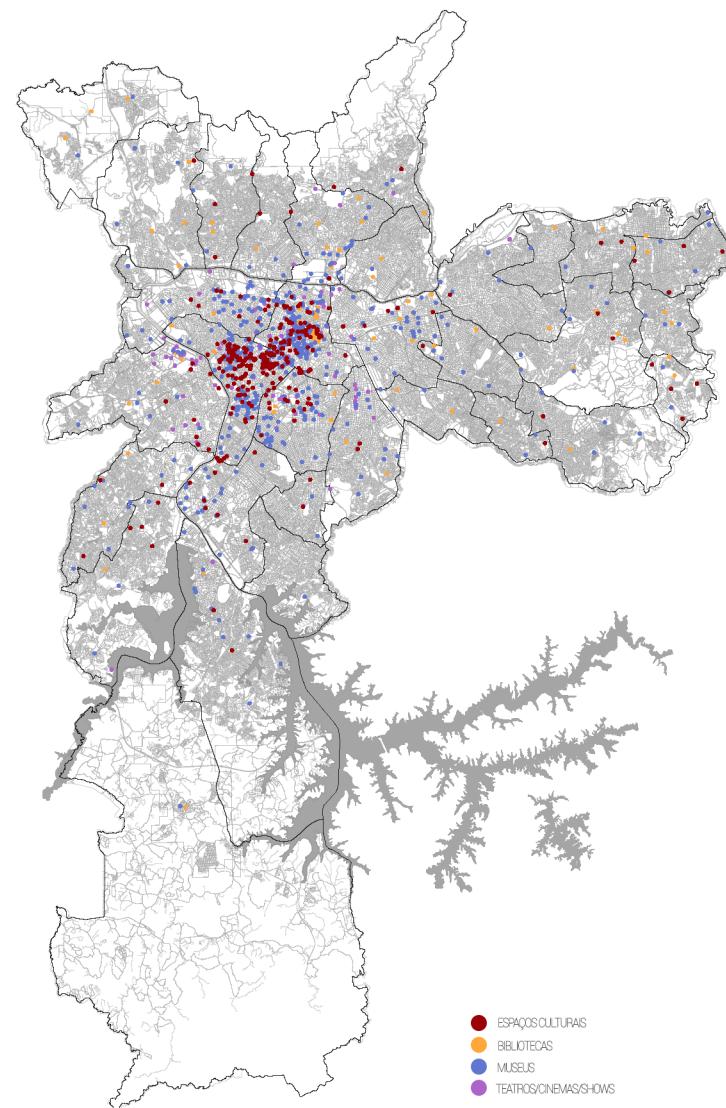
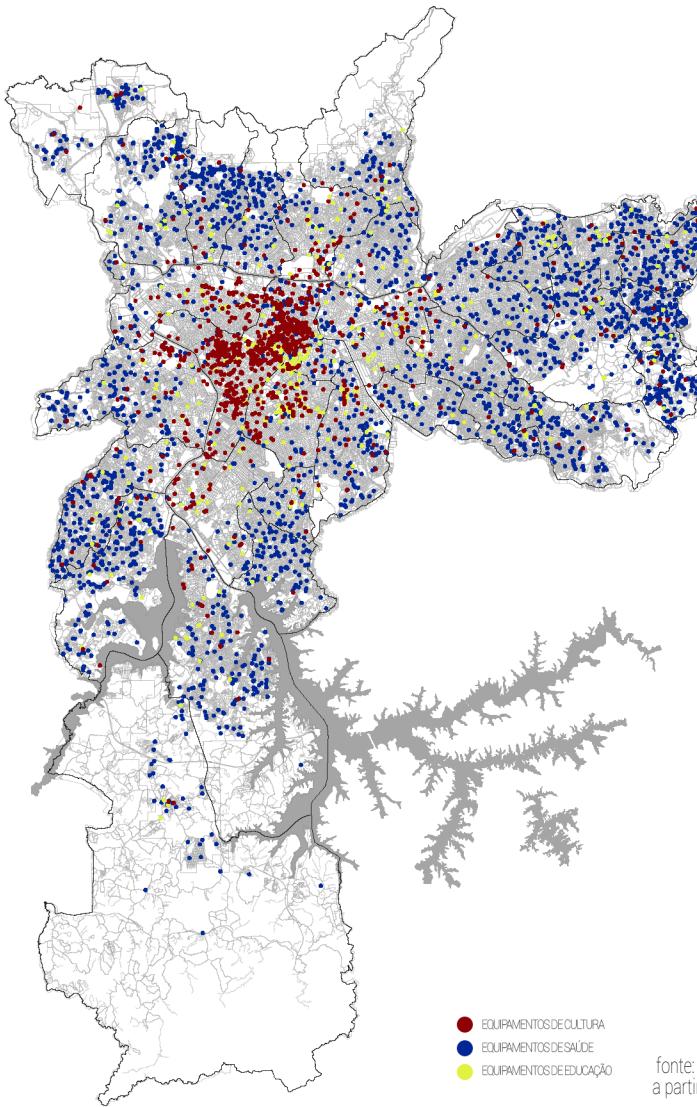
24

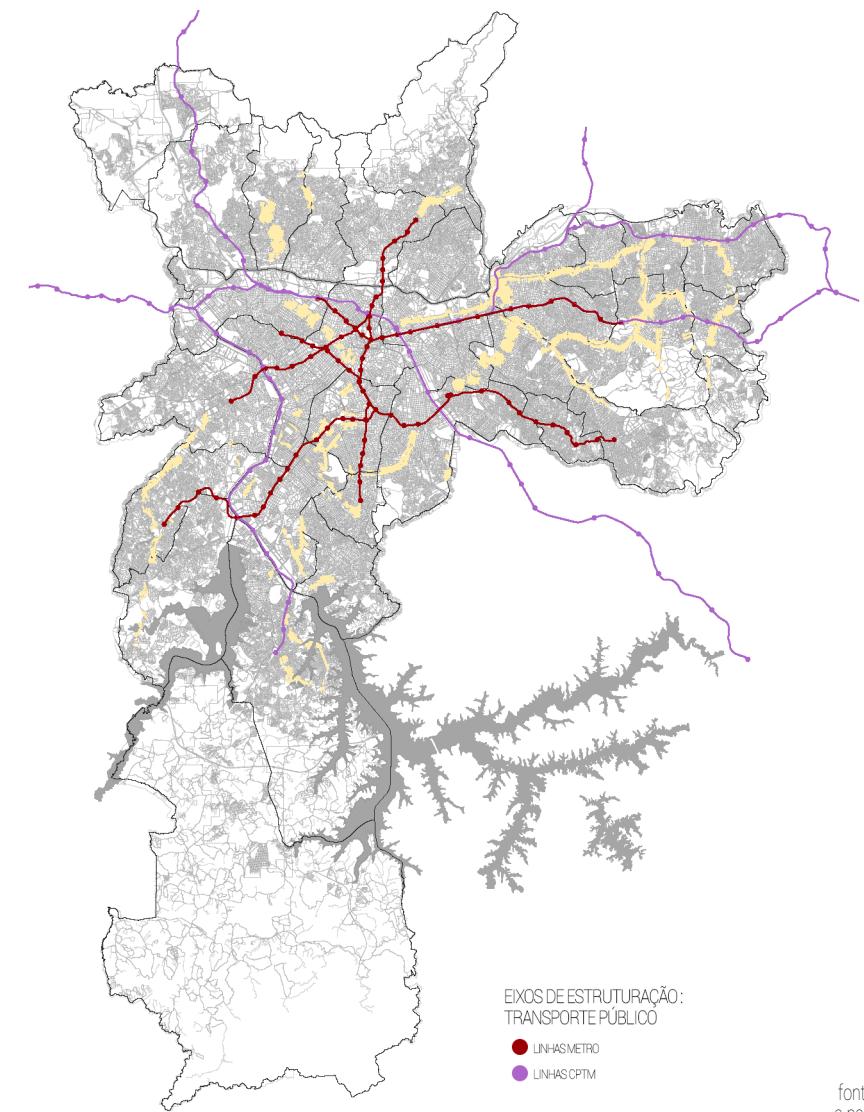
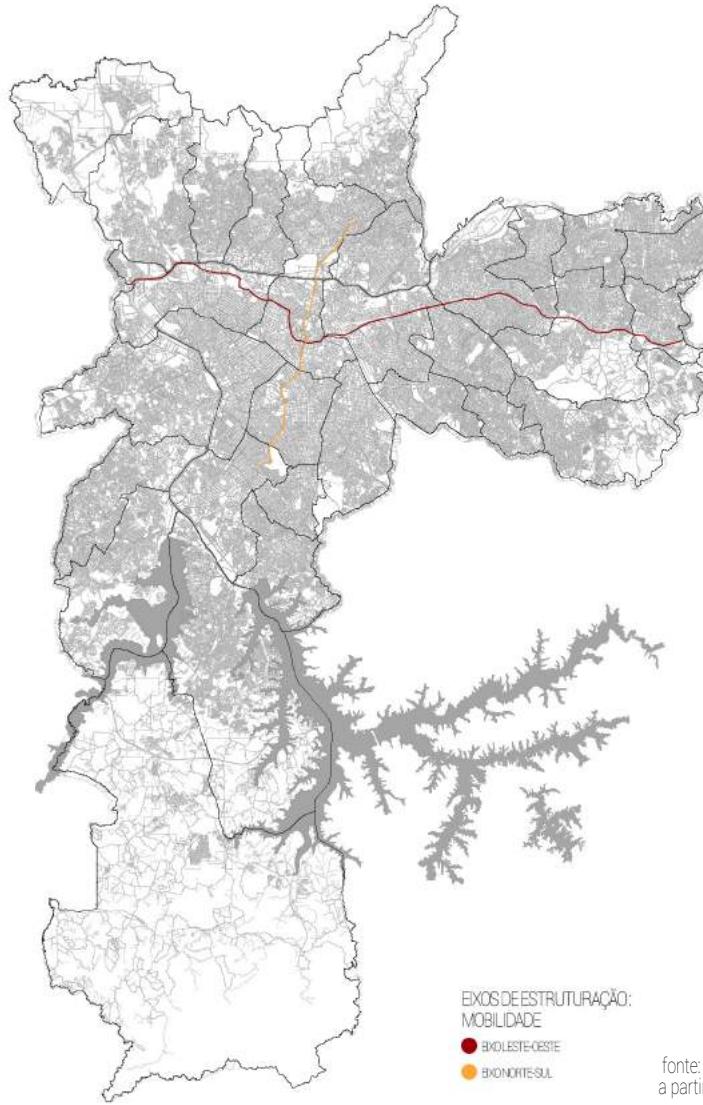
A escolha de uma cidade para realização da intervenção foi pautada nas inquietações anteriormente comentadas. Uma cidade de caráter metropolitano com processos de transformação urbana acentuados, que se destacam pelos processos de contrastes e complexidade, tornou-se um ponto chave para a escolha. A escolha da cidade de São Paulo se fez, então, por entender e querer ressignificar os conflitos gerados pelos processos de transformação urbana, que muitas vezes desarticulam o tecido urbano, configurando espaços residuais. Dentro desse contexto, fez-se uma leitura da região metropolitana de São Paulo, para posteriormente elencar uma área para uma análise mais aprofundada.

25



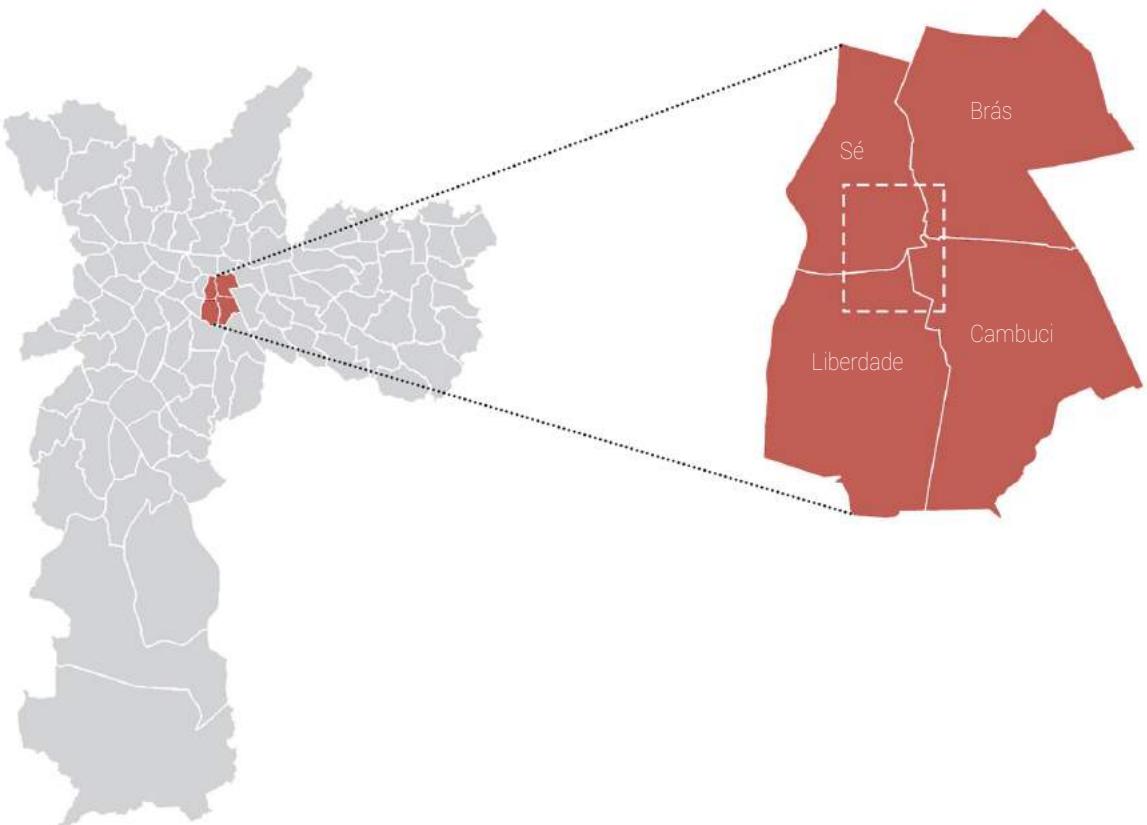
fonte: elaborado pela autora no QGIS
a partir dos dados do Mapa Digital da
Cidade de São Paulo







02 GLICÉRIO



mapa dos distritos da região metropolitana de São Paulo mostrando a área de estudo.
fonte: elaborado pela autora

O recorte escolhido para estudo localiza-se no centro de São Paulo, nos distritos da Liberdade, Sé, Brás e Cambuci, mais especificamente na Baixada do Glicério, abrangendo a Estação Dom Pedro II do metro. A região está situada às margens do Rio Tamanduateí, um dos mais importantes da cidade. Pela região passa duas ligações viárias de caráter metropolitano, a Avenida do Estado e a mais importante ligação Leste-Oeste, simbolizada pelo Viaduto do Glicério. A área se encontra degradada por diferentes aspectos urbanísticos e sociais, entre esses destaca-se principalmente a construção dessas grandes vias expressas, com o consequente desinvestimento e ocupação informal.



Em finais dos anos 60 e início dos 70, se deu a construção de uma série de viadutos na área, a fim de conectar a zona leste a oeste, configurando a radial Leste-Oeste. Grandes obras de infraestrutura viária que rasgaram a malha urbana, deixando rastros de degradação por onde passou até os dias atuais. As obras viárias do início dos anos 70 transformaram a região em um nó viário. Pode-se notar ao ler o tecido urbano atual, como implementação dessas infraestruturas marcam o território, com grandes rasgos e ruptura. O traçado viário estruturado pelos viadutos divide a região em praticamente duas, conformando a descontinuidade do tecido urbano e a formação de áreas residuais.



mapa da cidade de São Paulo, 1930.
mapa da cidade de São Paulo, 1988.
fonte: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/>



Imagem aérea da região de estudo.
fonte: Google Earth.

No Glicério tem-se a intensificação do fenômeno definido por Milton Santos (2006) como palimpsesto urbano: sobreposições de camadas na paisagem, com acúmulos de tempos distintos. Entre camadas e sobreposições, provocadas pelos processos de transformação urbanas, o Glicério é entendido como fragmento de cidade, em sua complexidade e contrariedade.

A região é composta sobretudo por uma população de baixa renda concentrada em moradias coletivas, como os cortiços. Apesar de estar situada no centro de São Paulo, é considerada uma área periférica, devido as questões sociais e econômicas.

Por mais que esteja inserida em uma região central, a comunidade não tem acesso a espaços de cultura e lazer, os espaços coletivos são sempre esmagados pela malha viária. A área situa-se nos limites de diversos planos de intervenções de revitalização localizadas da área central, como a Operação Urbana Centro e a Operação Urbana Consorciada Bairros do Tamanduateí, sem que essas iniciativas tenham conseguido reorientar a ocupação da região.

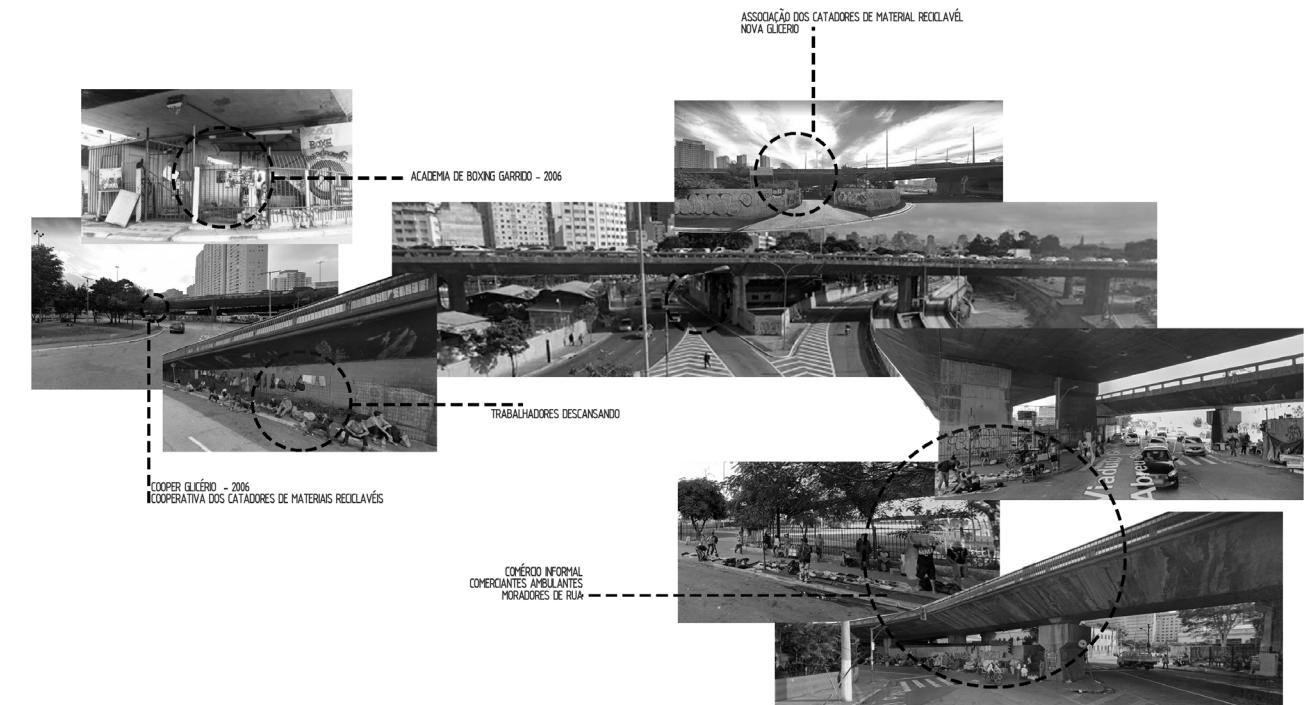
O recorte em questão é repleto de diferentes ocupações, desde sua origem até os dias atuais, possuindo assim, uma paisagem múltipla, conformada pela junção de cortiços, cooperativas de reciclagem, edifícios institucionais, antigas vilas operárias e novos edifícios verticalizados, somada a uma diversidade de comércios de pequeno porte que ajudam a circular a economia local.

A paisagem é marcada ainda por bairros tradicionais, que apesar de muitas vezes estarem mal conservados, são compostos por casarios com características e identidade muito marcadas. As cores dos casarios e os murais de grafite constroem a paisagem das vielas e da Rua dos Estudantes, juntamente com os edifícios históricos e a Igreja consolidam a memória material do Glicério. Além disso, as formas de sociabilidade, a apropriação dos espaços intersticiais do bairro, as festas típicas, o convívio da vizinhança e o comércio de rua são alguns os usos que constituem a memória afetiva da área. Nesse sentido, a proposta para a área pretende respeitar e estimular esses processos identificados, potencializando a apropriação dos lugares conquistados e construídos pela população ao longo de muitos anos.

A região do Glicério é composta por uma grande diversidade social e variedade cultural. Apresenta gerações dos processos migratórios ocorridos nas últimas décadas, assim como um novo afluxo de imigrantes, principalmente vindos do Haiti. Nesse sentido, ao contrário de ser um espaço de passagem, é um espaço de acolhimento de milhares de migrantes e imigrantes.

A ocupação de baixa renda e a implantação do viaduto favoreceram a concentração de pessoas em situação de rua no bairro. São presença marcante na paisagem, ocupando as sobras, seja dos canteiros ou dos baixios do viaduto.

colagem com as diversas ocupações.
fonte: elaborado pela autora.



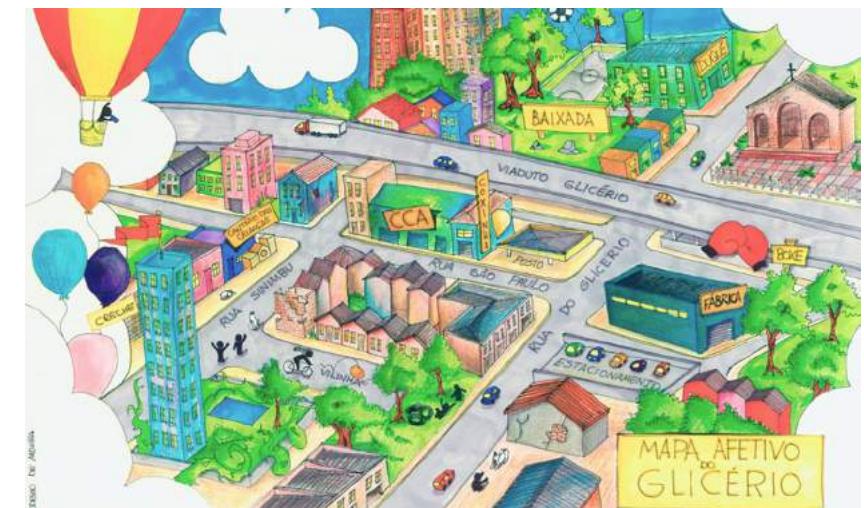
A região possui forte mobilização social para com a população de rua, concentrando várias de entidades assistencialistas nessa região, como o Albergue São Francisco, a Associação Minha Rua Minha Casa e A Casa Cor da Rua, que auxiliam os indivíduos em moradias temporárias.

Um outro grupo social muito presente na região são os catadores de materiais recicláveis, possuindo várias cooperativas instaladas de forma improvisada nos baixios do viaduto. O lixo é um elemento persistente e simbólico no Glicério. A atividade se concentra nos baixios do viaduto e ganhou força por iniciativa dos próprios catadores, se organizando em cooperativas, como a Cooper Glicério. A maioria dos catadores trabalham em família, consolidando-se como uma importante fonte de trabalho e renda para a população. Muitos dos catadores, mesmo que não morem mais na região do Glicério, possuem vínculos fortes com a área até os dias atuais, trabalhando na região com os locais de coleta estabelecidos (HIRATA, 2014).

As crianças e jovens são corpos presentes no Glicério. Seja nas ruas ou vielas, sempre se encontra um grupo brincando, jogando ou em uma roda de conversa. São o público alvo da maioria das instituições sociais, promovem o convívio e ocupação do espaço público, buscando as relações de identidade e a noção de pertencimento com a cidade.

A ONG Criacidade realizou o projeto "Criança Fala" com as crianças do bairro. As crianças foram incitadas a desenharem mapas mentais, a fim de que encontrassem seus referenciais, entre eles destacam-se a Academia de Boxe, a Igreja da Paz, o Viaduto e o EMEF (MOURA, 2016). Esses projetos possuem como proposta a ressignificação da vivência, em especial das crianças, por meio metodologias colaborativas para a ocupação do espaço público.

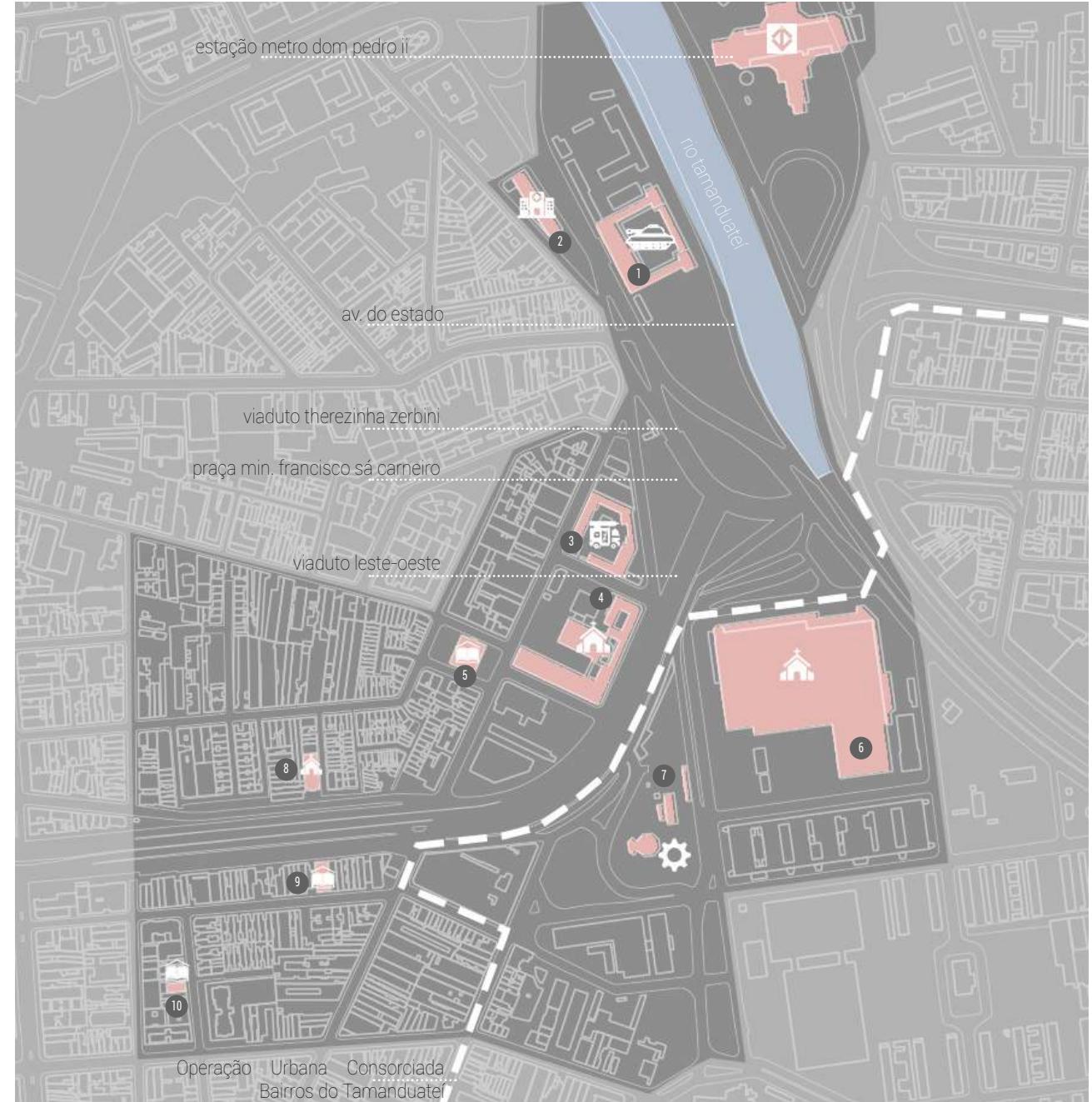
foto: fotografia de uma das atividades do projeto.
mapa afetivo do Glicério feito pelas crianças.
fonte: <https://outracidade.com.br/projeto-trabalha-com-as-criancas-na-transformacao-do-glicerio/>; https://issuu.com/portalaprendiz/docs/publica_o-online-glic_rio-por-s



As instituições sociais possuem uma presença marcante na área, como o caso da Missão Paz, que auxilia os migrantes e imigrantes da região, sendo dividida em três pilares: A casa do migrante, moradia de passagem para os refugiados e imigrantes; o Centro Pastoral de Mediação dos Imigrantes, que auxilia nos processos de documentação e emprego e o Centro de Estudos Migratórios, responsável por conhecer as condições que os migrantes vivem, acompanhar a adaptação e dar suporte cultural. Muitos desses migrantes com a dificuldade de conseguir emprego formal, recorrem ao comércio informal de rua, concentrando-se nas bordas do que sobra dos baixios do viaduto.

A análise dos mapas a seguir reforça algumas das problemáticas atuais do Glicério, como a implantação do viaduto e sua consequente desarticulação do tecido urbano, dividindo o bairro em vários fragmentos. Outra problemática evidenciada são os alagamentos da região, demonstradas pelo mapa de áreas alagáveis. O saneamento das várzeas inundáveis do rio Tamanduateí, assim como o tamponamento de alguns trechos, somadas a ausência de áreas verdes na região, contribuem ainda mais para o agravamento e aumento das áreas alagáveis.

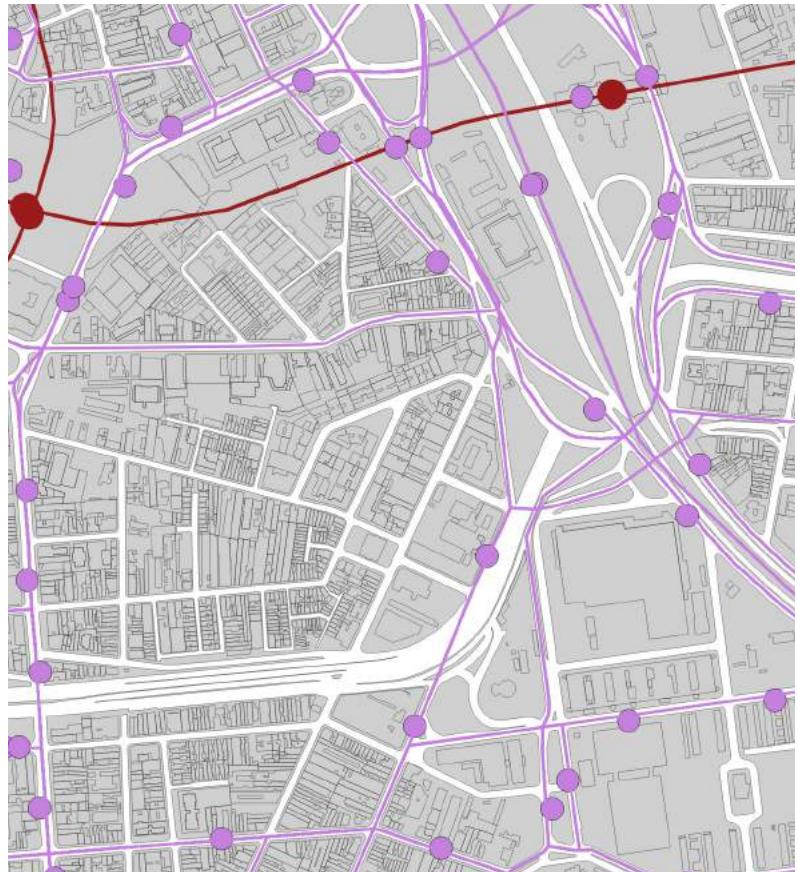
1.Quartel Tabatinguera, 2. UBS, 3. Corpo de bombeiros, 4. Missão Paz, 5. EMEF, 6. Igreja Petecostal Deus é Amor , 7. CET, 8. Igreja Presbiteriana, 9. Centro Comunitário Irmã Derby, 10. CEI Liberdade. fonte: elaborado pela autora com base no Google Maps.



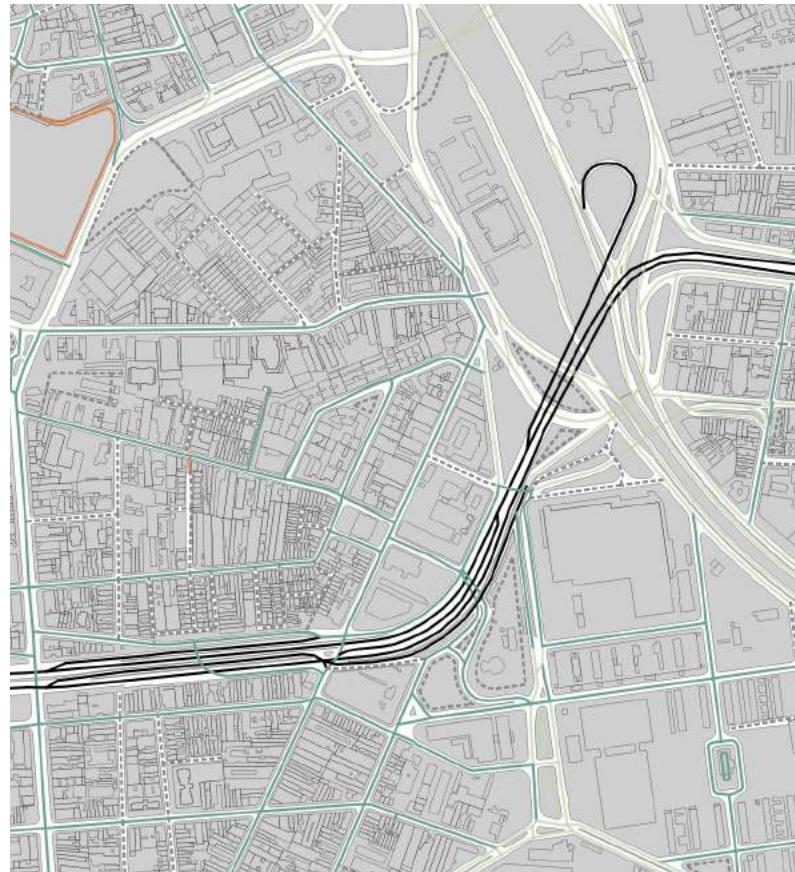
mapas de análise do território.

fonte: elaborado pela autora no QGIS a partir dos dados extraídos do Mapa Digital da Cidade de São Paulo.

44



metrô
ônibus



vtr
arterial
coletora
local
pedestre



patrimônio cultural

45

mapas de análise do território.

fonte: elaborado pela autora no QGIS a partir dos dados extraídos do Mapa Digital da Cidade de São Paulo.

46



curvas de níveis



área inundável

47

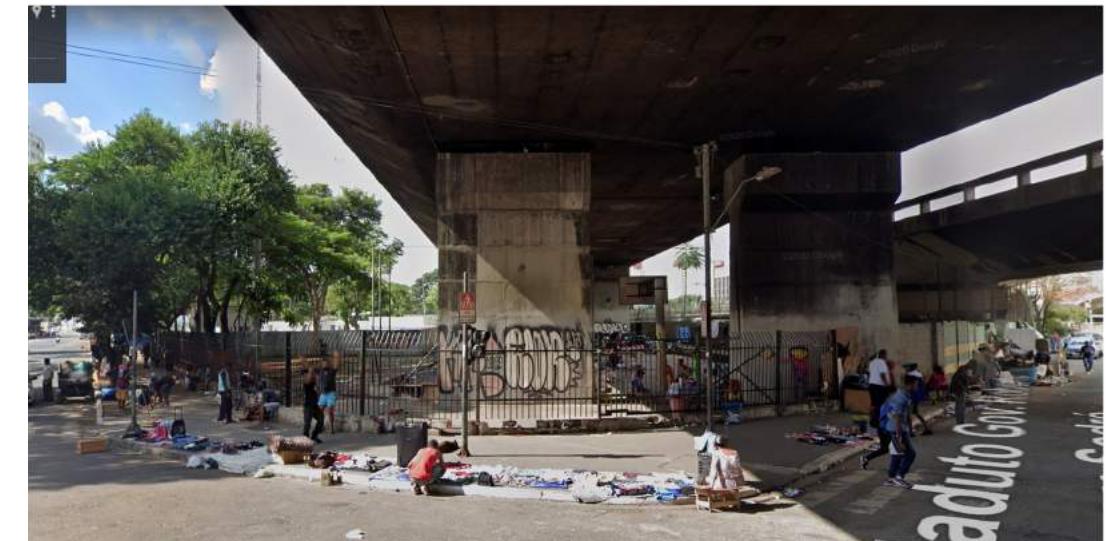
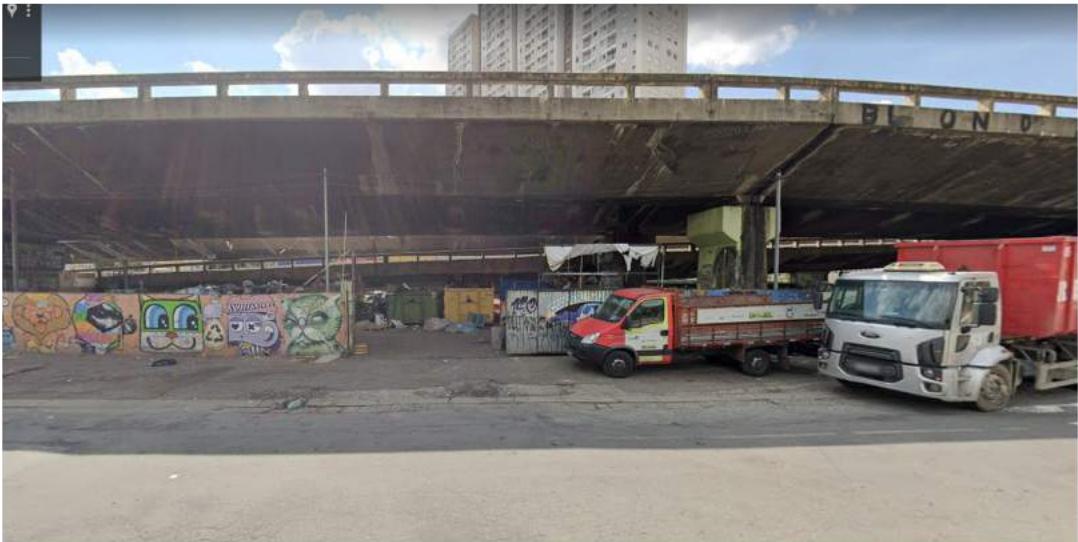


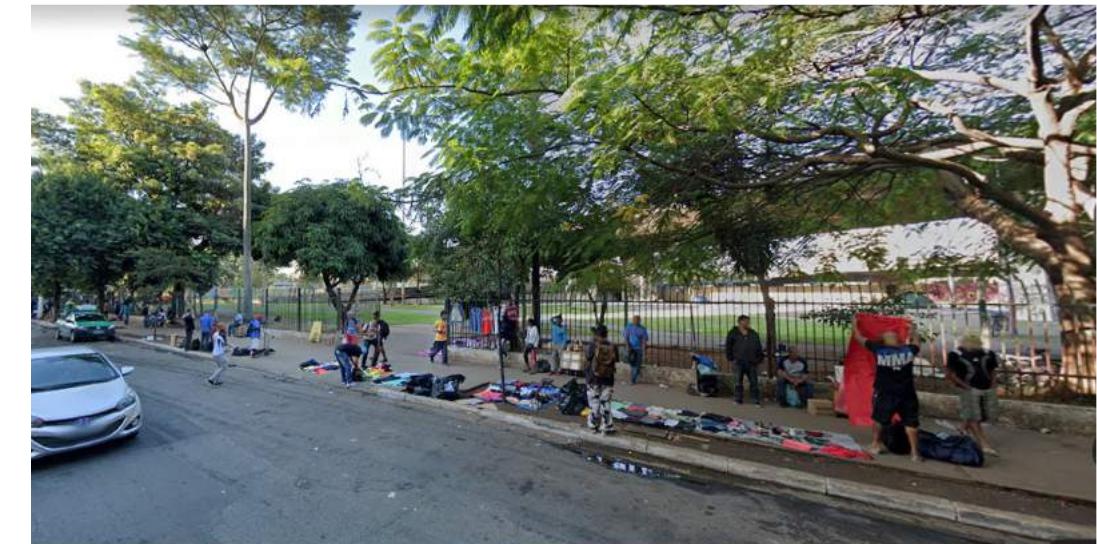
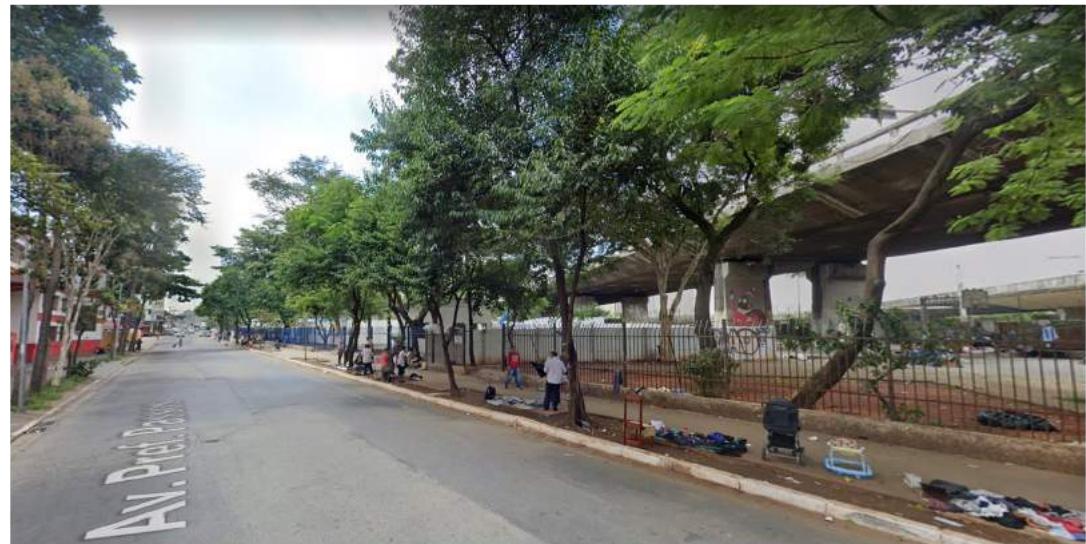
cheios e vazios

A seguir serão apresentadas imagens do percurso virtual realizado no Google Street View, que demonstram a situação territorial atual. Através das imagens podemos observar a existência de muros que cercam os baixios dos viadutos, impedindo a apropriação pela população, se comportando como uma barreira física e visual. É notória também outra barreira, a ausência do contato visual e físico com o rio Tamanduateí, assim como a dificuldade de transposição a outra margem do rio.

Apesar das barreiras existentes, a população usufrui dos espaços que sobram. São observadas vivencias nesses espaços inscritos no cotidiano, em que são notadas trocas sociais, pessoas conversando, vendendo, estabelecendo algum tipo de conexão.









54



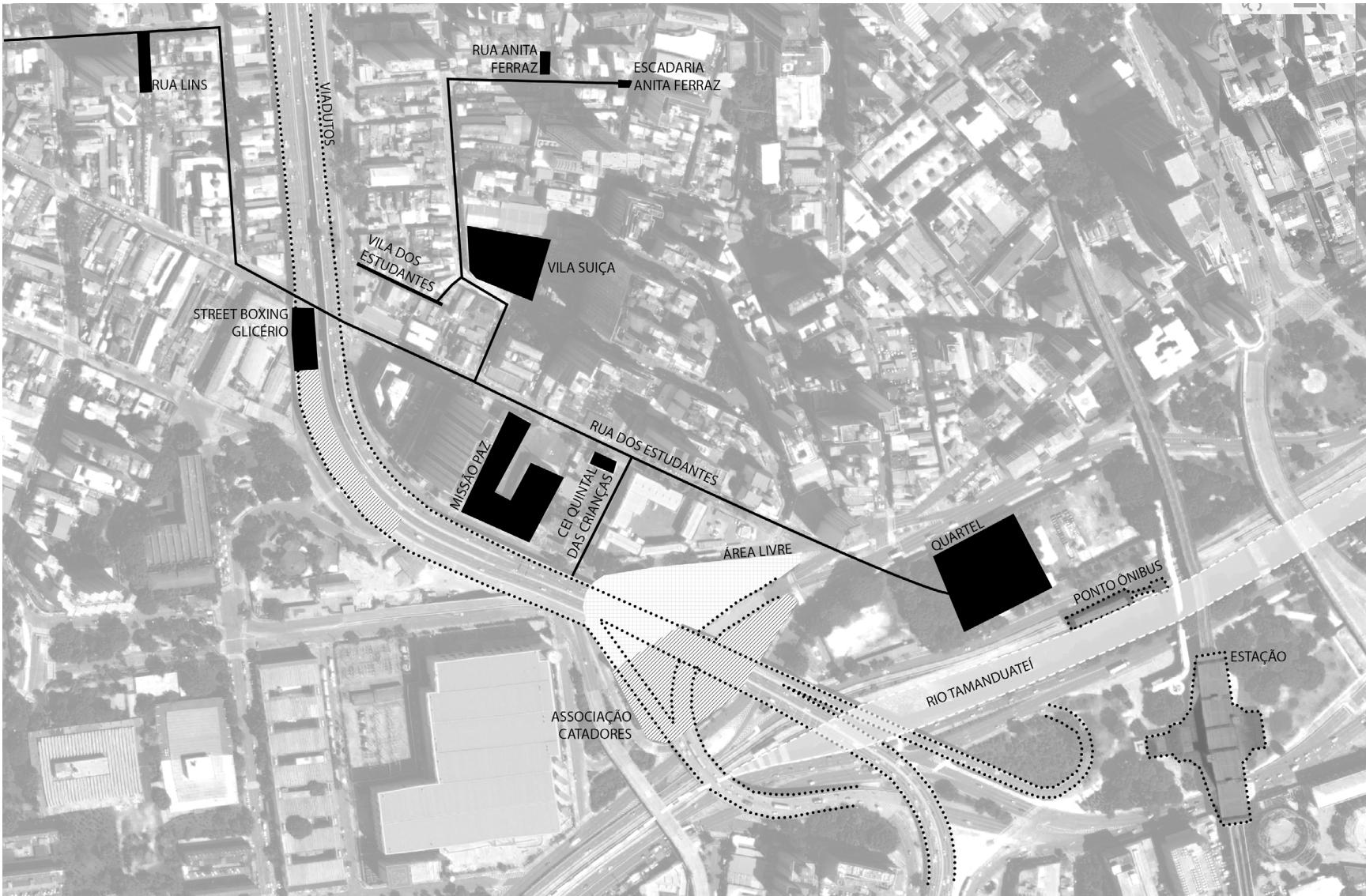
55



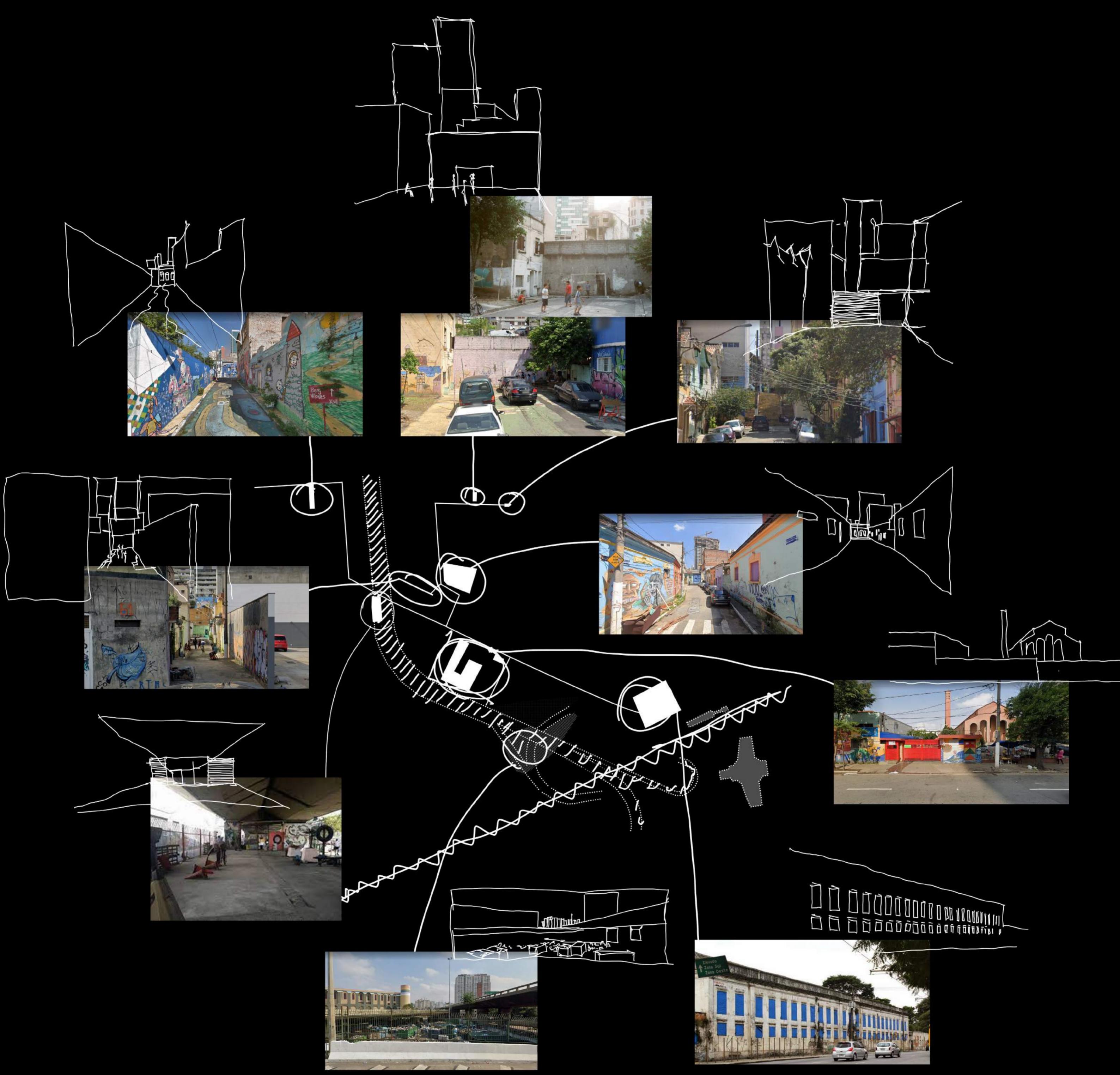
Google

Por meio das leituras do Glicério enquanto fragmento de cidade e do percurso virtual realizado pela plataforma Google Street View, elaborou-se cartografias sínteses, a fim de representar as impressões sensoriais e espaciais de leitura do território. As cartografias apontam pontos entendidos como estruturantes para a posterior proposta, pontos de inflexão do território analisado. Neles foram identificadas as possibilidades e formas de sociabilidades do lugar, norteando o como olhar para o território, em entenderlo e a partir disso, potencializar o que o território está pulsando.

O olhar foi direcionado aos espaços livres e as relações existentes entre a população em diferentes escalas nesses espaços, em que foi notado algumas recorrências: da junção dos planos que conformam o espaço edificado, considerado como cheio, decorrem os vazios, que não deixam de ter sua forma, dimensão e uso, e sobretudo, é justamente nesse plano vazio em que ocorre o cotidiano das pessoas, as apropriações urbanas, vivências e trocas sociais, ou seja, é no vazio que a vida acontece.



cartografia pontos estruturantes.
fonte: elaborado pela autora.





retalho (s.m.):

parte que se tira, se corta de uma coisa;
fração, pedaço, fragmento: colcha de retalhos;
parte separada de algo.

A partir dessas investigações são reconhecidos na descontinuidade urbana do Glicério, retalhos que são compartilhados e vividos coletivamente. Mesmo sem um desenho urbano qualificado para a vida, esses retalhos são usados frequentemente como lugares de trocas sociais.

Identifica-se nesses fragmentos algumas similaridades em relação ao uso e situações, como nas vielas, baixios do viaduto e espaços subutilizados. As formas de sociabilidade revelam a existência de denominadores recorrentes, como por exemplo a extensão da casa como um local para a coletividade ou a rua como local de trocas sociais, no qual os espaços subutilizados exercem uma potencialidade em relação à vida coletiva na cidade.

03 DIRETRIZES PROJETUAIS

62

Todas essas investigações levaram ao princípio de projeto: delinear um conjunto de estratégias e ações que iluminassem os fragmentos da cidade existente, os retalhos do tecido urbano. Os retalhos identificados foram categorizados em 5 campos de ações: as vielas, o lixo, os viadutos, o rio Tamanduateí e o edifício histórico do antigo Quartel Tabatinguera. O quadro ao lado ilustra cada um dos retalhos, as problemáticas atuais e quais as intenções e estratégias projetuais. Além disso, cada um dos retalhos são ressignificados enquanto unidade urbana proposta.

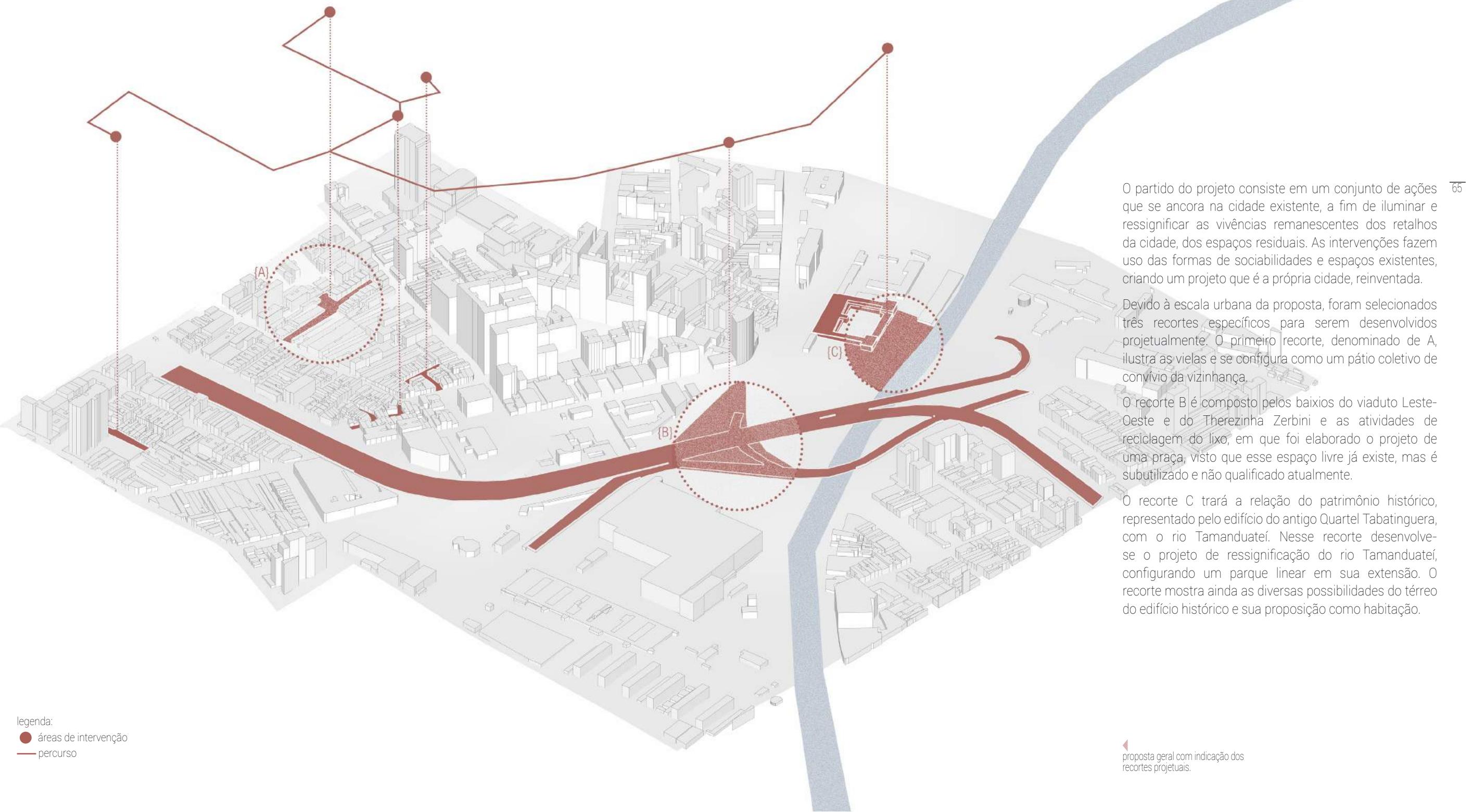
O programa proposto define os usos, mas não os delimita. Nesse sentido, todas as diretrizes projetuais são determinadas a fim de criarem espaços que potencializam as narrativas geradas pelos próprios usuários, a fim de incentivarem a experimentação e reinterpretação do lugar. O programa é pensado com o intuito de articular as diferentes cidades existentes nesse fragmento de cidade e acentuar a diversidade social presente na área. As estratégias projetuais elucidam a multifuncionalidade e as diversas escalas colocadas pelas diferentes unidades urbanas.

A proposta pretende assim, evidenciar as intersecções de ações, às apropriações livres e os eventos que podem ocorrer, por meio da criação de espaços de multiplicidades, estabelecendo uma especificidade programática combinada a espaços de maior liberdade de ação e possibilidades, e também de diversas escalas, colocando-se tanto como extensão da casa, como praça ou como inserção metropolitana.

	vielas	(r)existência e o lixo	viaduto	rio tamanduateí	patrimônio
campo	A representação de vielas mostra uma malha urbana com muitas ruas estreitas e sinuosas, muitas vezes sem saída direta para a periferia.	A representação de lixo mostra uma área centralizada com muitos pontos de lixo acumulado, cercados por muros.	A representação de viadutos mostra uma estrutura complexa de pontes elevadas sobre a malha urbana.	A representação do Rio Tamanduateí mostra o curso do rio com suas curvas e a proximidade com a malha urbana.	A representação do patrimônio mostra o edifício histórico do antigo Quartel Tabatinguera destacado entre os outros edifícios.
espaço-concreto	ruas sem saída; população usando a rua como local do encontro e conversa; crianças brincando; carros estacionados	espacos cercados por muros; inundações; lixo acumulado na região	muros; baixios praticamente inutilizados; barreira física e visual; limite; academia como apropriação nos baixios	canal; sem acesso físico e visual; barreira física; parte tamponada	quartel do glicério; prédio histórico abandonado
problemática	locais escuros à noite; espaços desqualificados	ausência de infraestrutura para uma condição digna de trabalho dos catadores; lixo acumulado devido a falta de revalorização dos materiais que não são vendidos; falta de espaço adequado para armazenamento	divisão do bairro em fragmentos; bordas; acúmulo de lixo; infraestrutura do automóvel	se constitui como um canal, uma fenda urbana; ausência de conexão direta com o rio; falta de drenagem	abandono; descaso com a história; acúmulo de lixo e mato
intenções	quintal comunitário; valorização dos espaços intersticiais como lugares de encontro; potencializar as relações existentes; visibilizar; iluminar	inclusão; adequar e aumentar os processos de triagem dos resíduos; estimular a cooperação/coletividade; valorização do trabalho dos catadores; aproximar a família na atividade das cooperativas; enquanto os pais trabalham, os filhos podem utilizar os espaços do entorno	clareira urbana; parque de caráter local e metropolitano; marquise urbana; passear sob; estar em; conectar; conviver; encontrar; andar de skate; vender; exercitar	ressignificar sua função enquanto rio no contexto da cidade; articulador dos espaços livres propostos; incorporação da dimensão da água no espaço público; preservar; integrar; passear as margens; atravessar; sentar; molhar-se	inclusão; moradia digna para os moradores de rua da região
estratégias	suturar o tecido urbano, articulando as distintas comunidades; promover marcos visuais e sociais	galpão de triagem e armazenamento; articulação entre os espaços de convívio e do trabalho	retirada dos muros que cercam os baixios; eixo de integração; novos usos para requalificar as áreas residuais; espaços livres arborizados; espaços de lazer; arte de rua	recuperação do corpo hídrico; articular as margens do rio como lugares de convivência; bacia de detenção; criação de pontos de travessia	novo uso: habitação; terreno ativo
unidade urbana	A representação de pátios mostra uma estrutura fechada com janelas e portas, representando um espaço interno.	A representação de praças mostra um espaço aberto com bancos e árvores.	A representação de marquises mostra uma estrutura curva que protege uma área.	A representação de parques lineares mostra uma estrutura retangular com árvores.	A representação de habitação mostra um edifício com janelas e portas.
	pátio	praça	marquise	parque linear	habitação

quadro estratégias e diretrizes projetuais.
fonte: elaborado pela autora.

63



O partido do projeto consiste em um conjunto de ações que se anora na cidade existente, a fim de iluminar e ressignificar as vivências remanescentes dos retalhos da cidade, dos espaços residuais. As intervenções fazem uso das formas de sociabilidades e espaços existentes, criando um projeto que é a própria cidade, reinventada.

Devido à escala urbana da proposta, foram selecionados três recortes específicos para serem desenvolvidos projetualmente. O primeiro recorte, denominado de A, ilustra as vielas e se configura como um pátio coletivo de convívio da vizinhança.

O recorte B é composto pelos baixios do viaduto Leste-Oeste e do Therezinha Zerbini e as atividades de reciclagem do lixo, em que foi elaborado o projeto de uma praça, visto que esse espaço livre já existe, mas é subutilizado e não qualificado atualmente.

O recorte C trará a relação do patrimônio histórico, representado pelo edifício do antigo Quartel Tabatinguera, com o rio Tamanduateí. Nesse recorte desenvolve-se o projeto de ressignificação do rio Tamanduateí, configurando um parque linear em sua extensão. O recorte mostra ainda as diversas possibilidades do térreo do edifício histórico e sua proposição como habitação.



{A} O PÁTIO

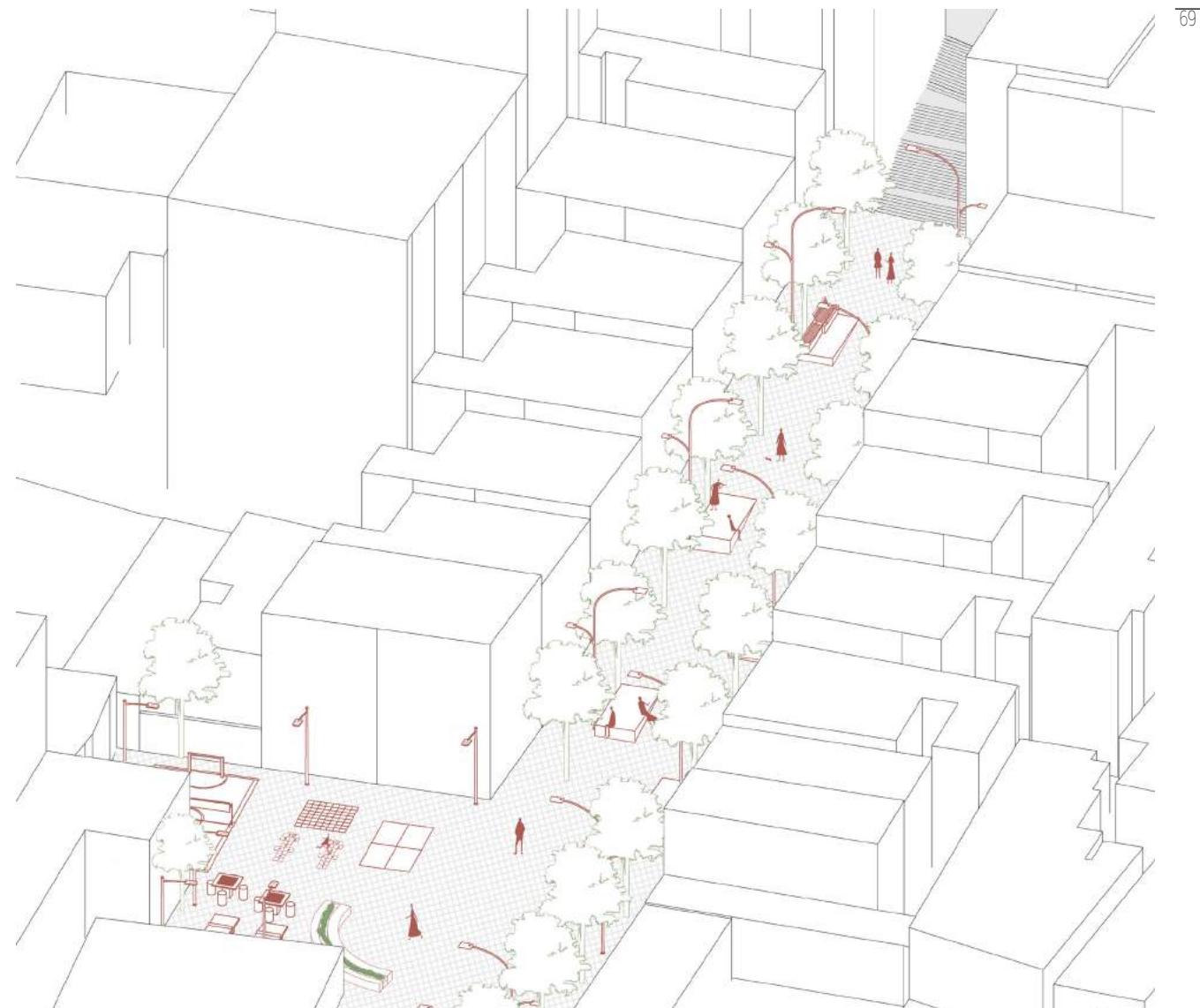
Esta área é configurada pelo espaço intersticial formado entre as moradias existentes, é nele onde há a convergência do convívio social entre a vizinhança, configurando-se como um pátio coletivo, um quintal da casa. O princípio de projeto para esse recorte é potencializar as dinâmicas existentes, identificadas no processo de leitura do território. A proposta é composta por dois momentos: um eixo de passagem e estar, estruturado pela escadaria existente e um "respiro".

planta do térreo da proposta para o recorte A.

Por ser composto por um terreno íngreme, o eixo proposto prevê mobiliários que se adequam a declividade do terreno, que ora funcionam como banco, horta comunitária ou varal, ou seja, apresentam múltiplas possibilidades que se adequam conforme as necessidades e anseios dos moradores.

O respiro é determinado por um vazio existente, em que se propõe um conjunto de dispositivos a fim de abranger as diversas faixas etárias. Foi proposto um espaço de jogos, com mesas que possuem tabuleiro para os jogos de xadrez e dama, e mesas de ping pong. Além disso, o espaço prevê bancos extensos com canteiro e espaço recreativo para as crianças, representado por uma quadra de pequeno porte e jogos desenhados no chão que possibilitam diversas brincadeiras, como por exemplo a amarelinha.

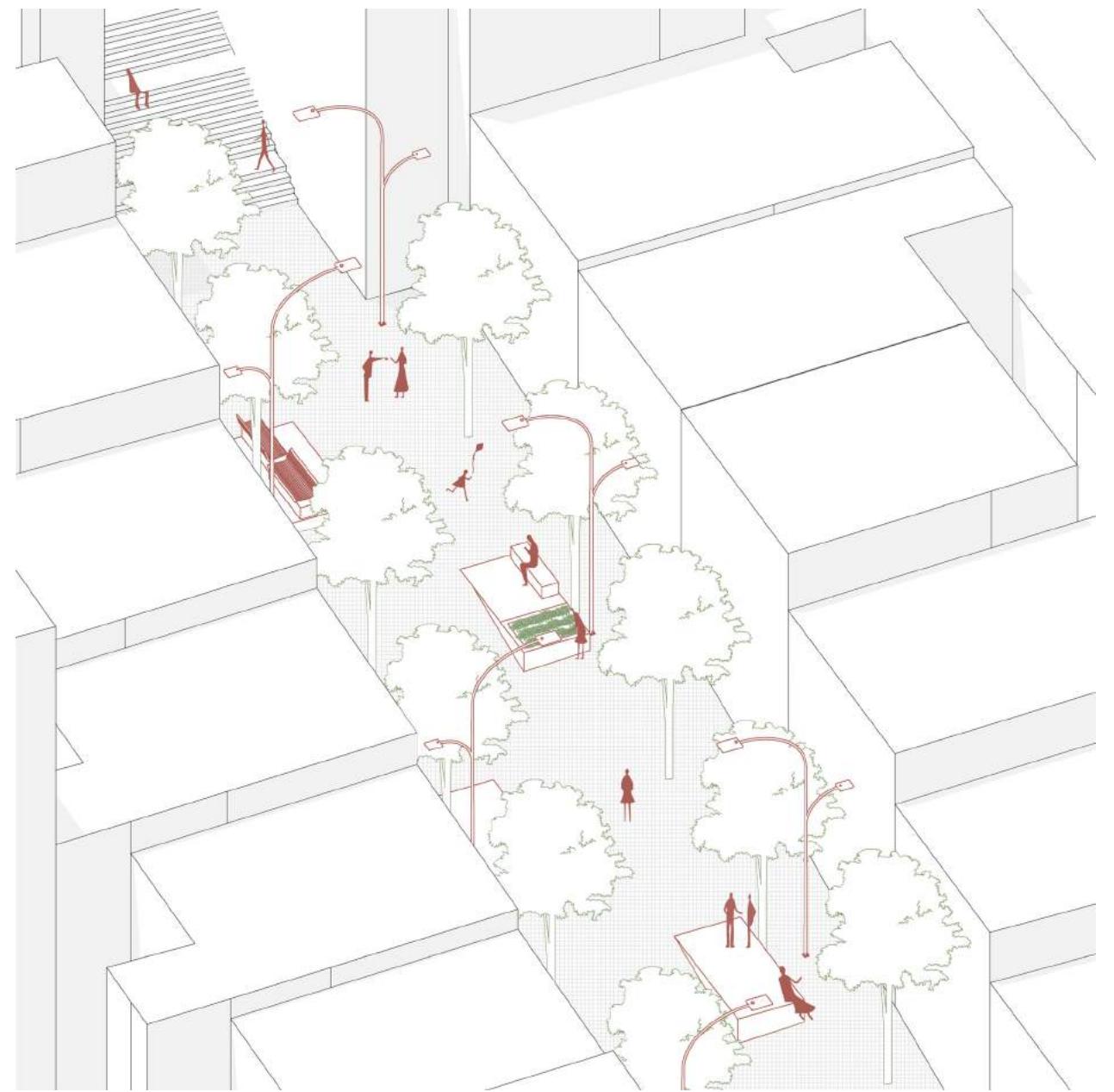
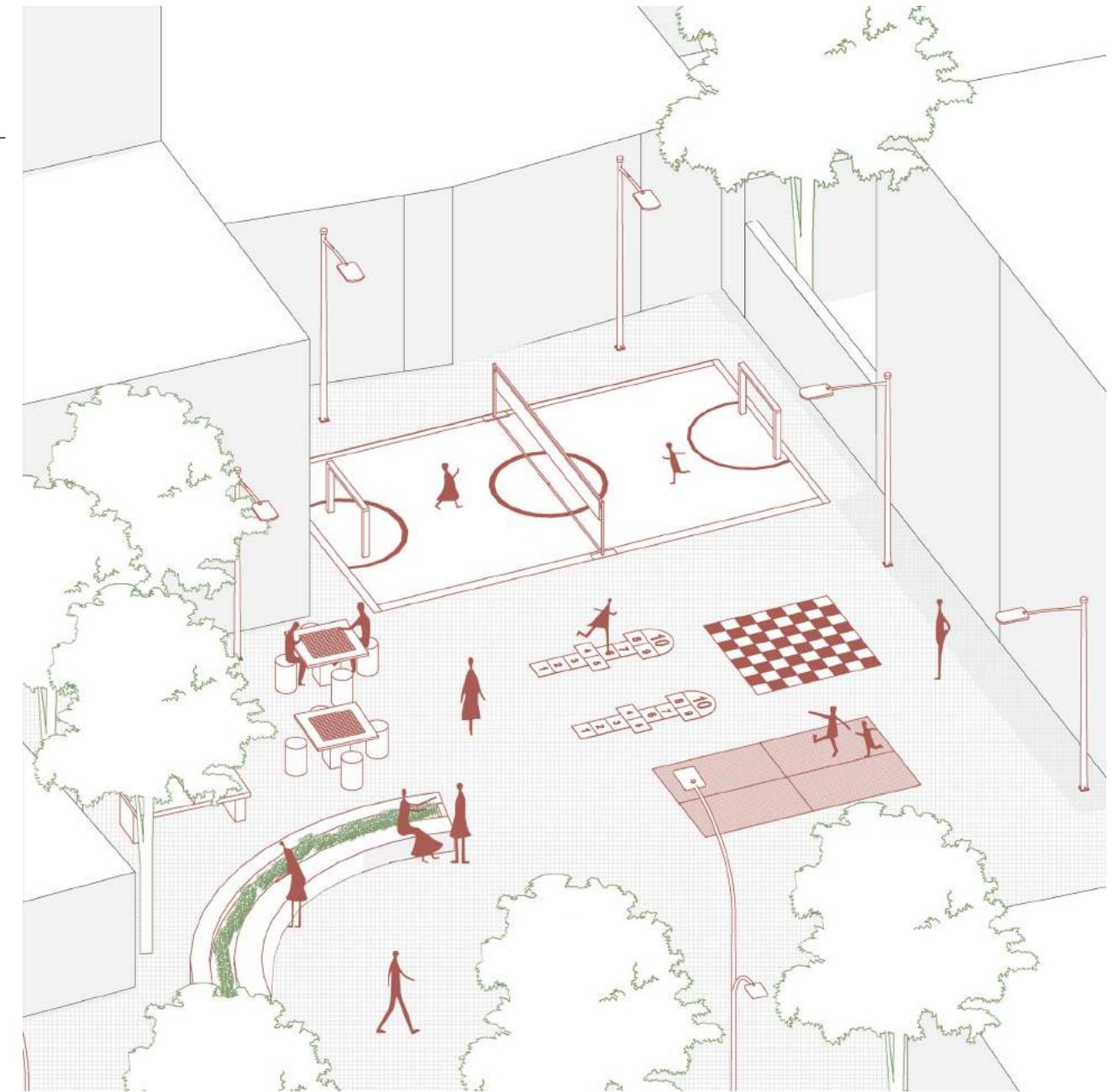
perspectiva isométrica da proposta.

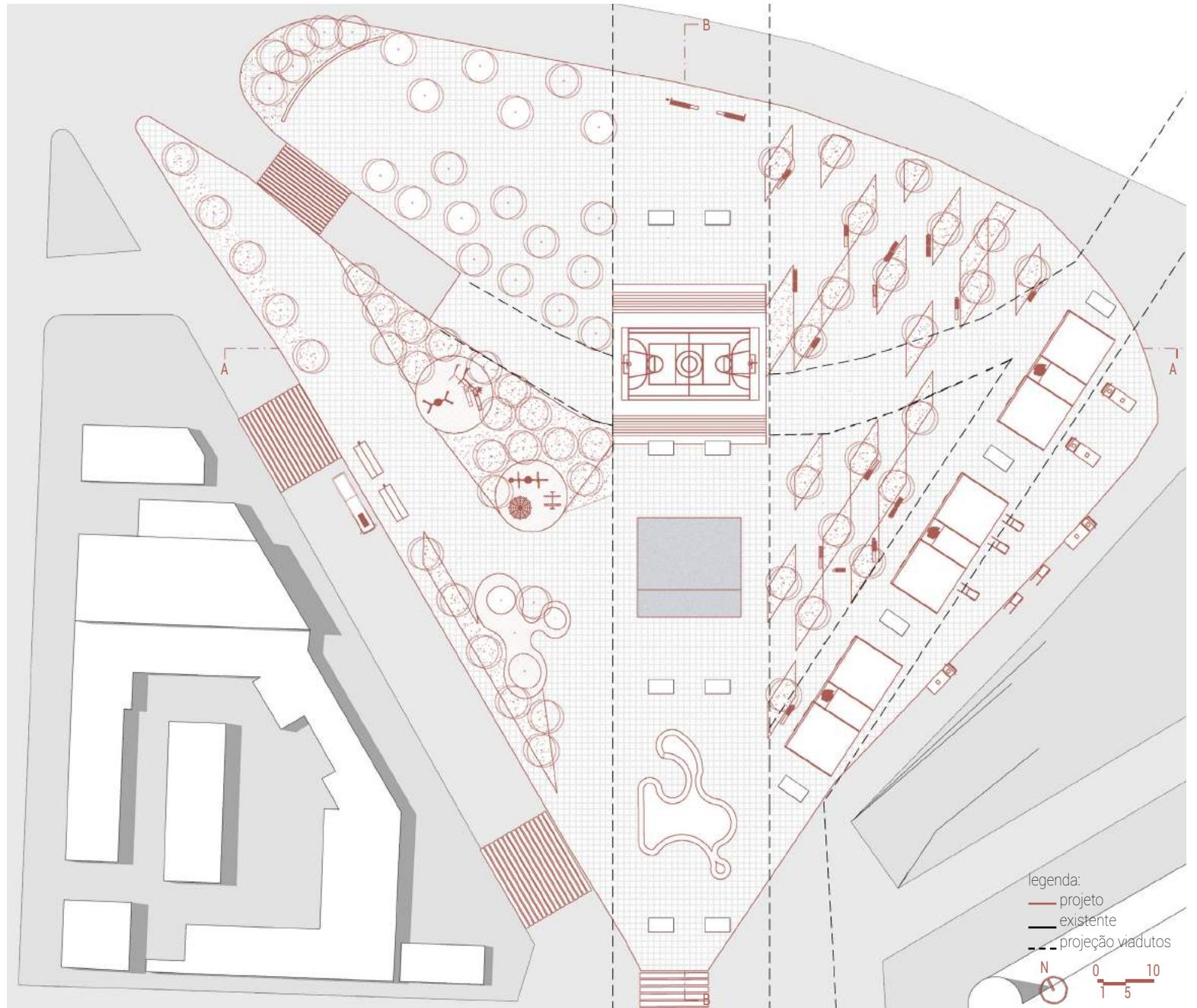


corte perspectivado AA.



▼ perspectivas do "respiro" e do eixo.





{B} A PRAÇA E A MARQUISE

No recorte B em questão tem-se como proposta de unidade urbana a elaboração de uma praça sob marquises urbanas, dadas pelos viadutos presentes nessa área. Os viadutos existentes estruturaram o princípio de projeto para essa área: dois eixos de atividades ancorados nos viadutos interseccionadas por pátios arborizados. O viaduto Leste-Oeste, também conhecido como viaduto do Glicério, ancora o eixo de atividades de lazer, composto por uma quadra poliesportiva, uma piscina pública e uma pista de skate.

O viaduto Therezinha Zerbini estrutura o eixo de atividades de reciclagem, em que são propostos três galpões para os processos de triagem e armazenamento dos materiais. Os galpões possuem duas setorizações em relação ao uso, a parte voltada para a rua determina os processos de chegada e retirada dos resíduos, pensando no melhor fluxo para essa atividade. A fachada que se volta para o pátio possui uma maior flexibilidade em relação ao uso, podendo ser utilizada conforme outros usos necessários, configurando-se tanto com aberturas ou fechamentos, dependendo da necessidade de cada utilização.

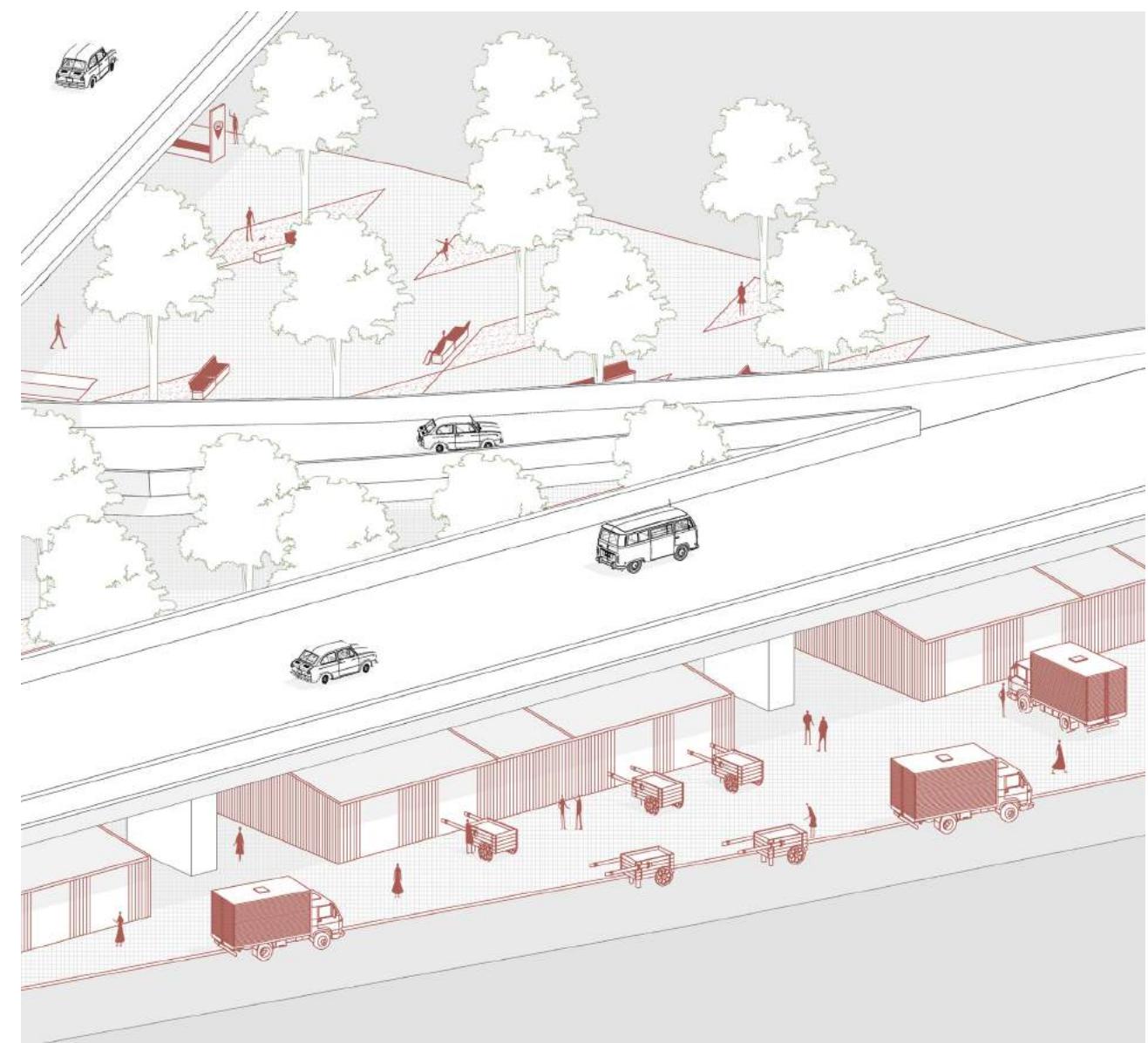
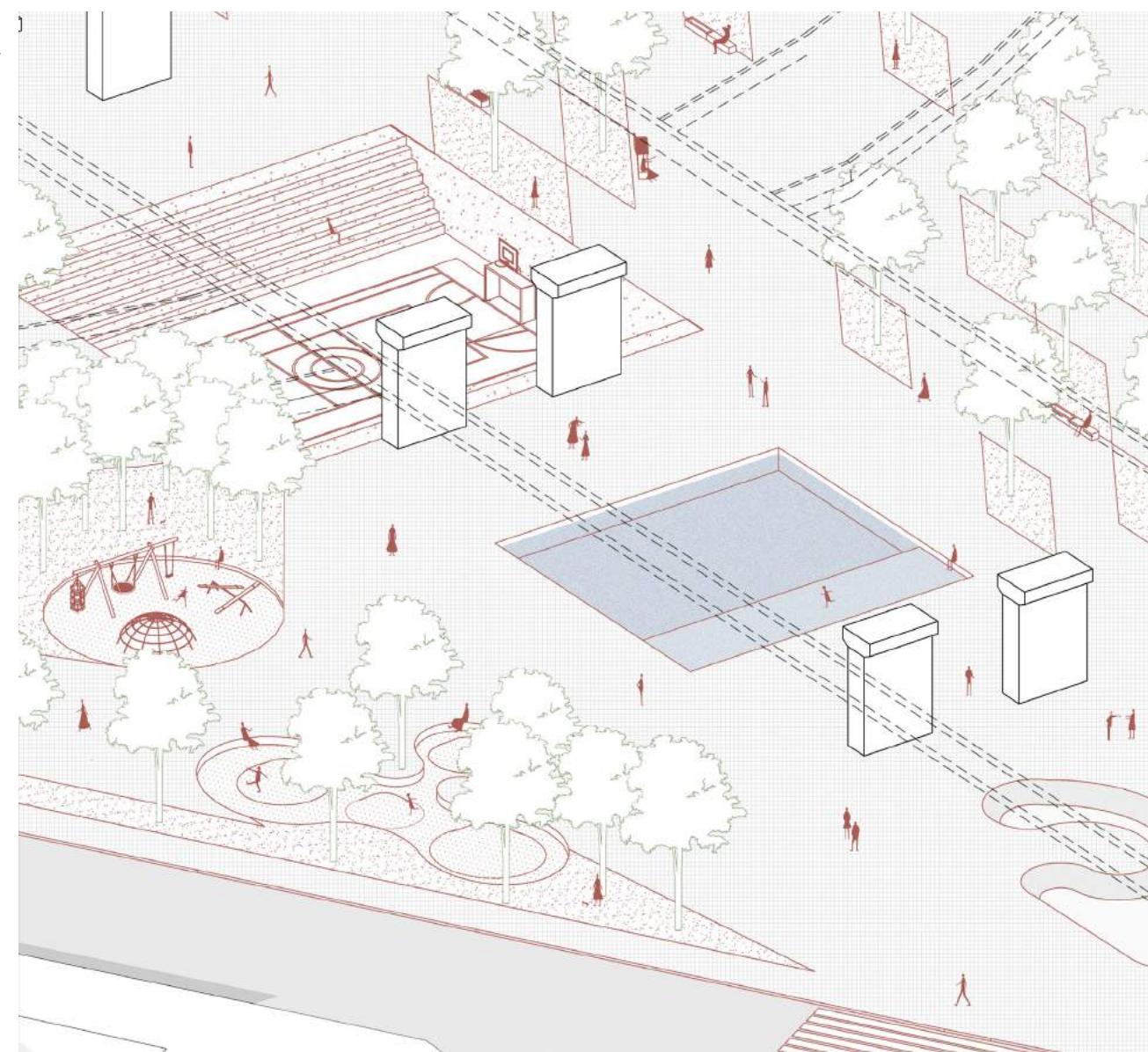
Entre os viadutos são conformados ao todo 4 pátios arborizados, que dispõem de mobiliários para o estar, áreas para as crianças com playgrounds e morros de areia, áreas de convívio arborizadas que sugerem usos diversos, como ler, conversar, se encontrar, caminhar.

planta do térreo da proposta para o recorte B.

▼ isométrica da proposta.



▼ perspectivas da proposta.

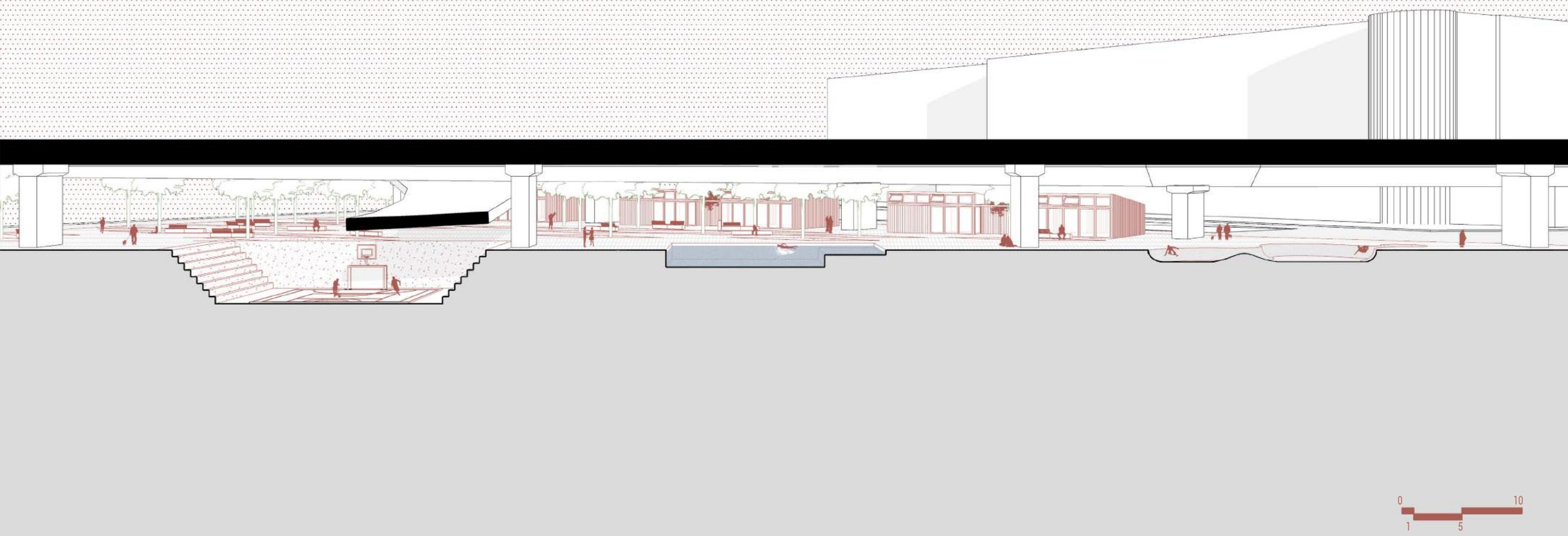


corte perspectivado AA.



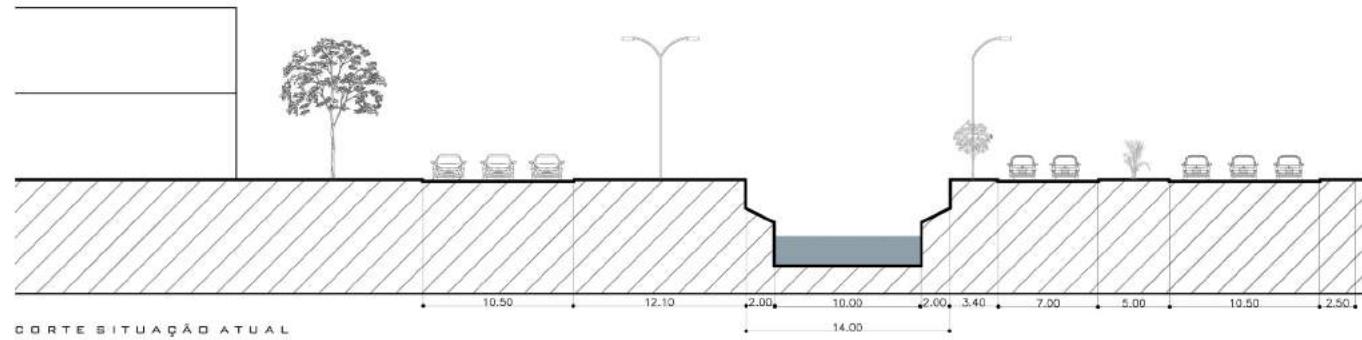
0
1 5 10

corte perspectivado BB ilustrando o eixo de atividades esportivas sob o viaduto Leste-Oeste.



{C} A HABITAÇÃO E O PARQUE LINEAR

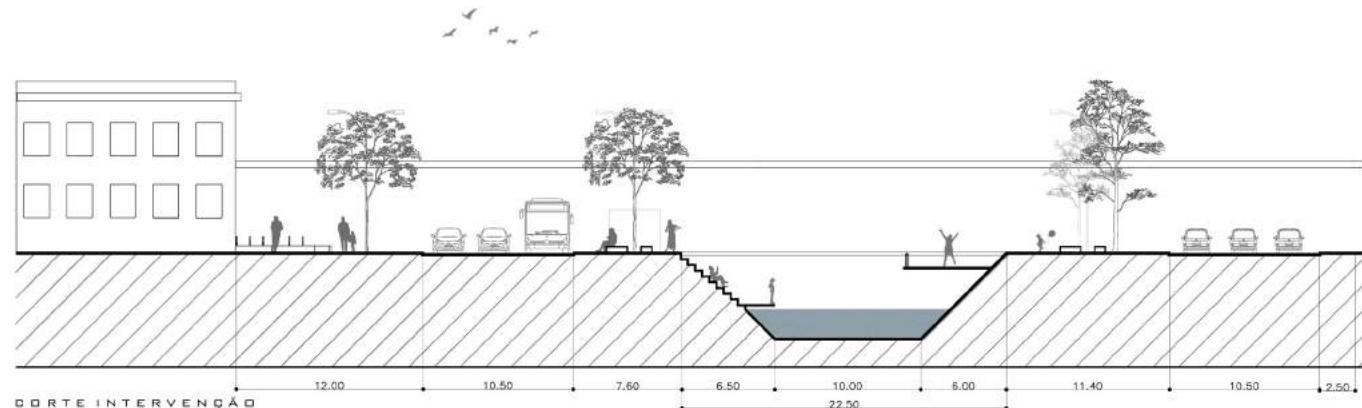
84



85

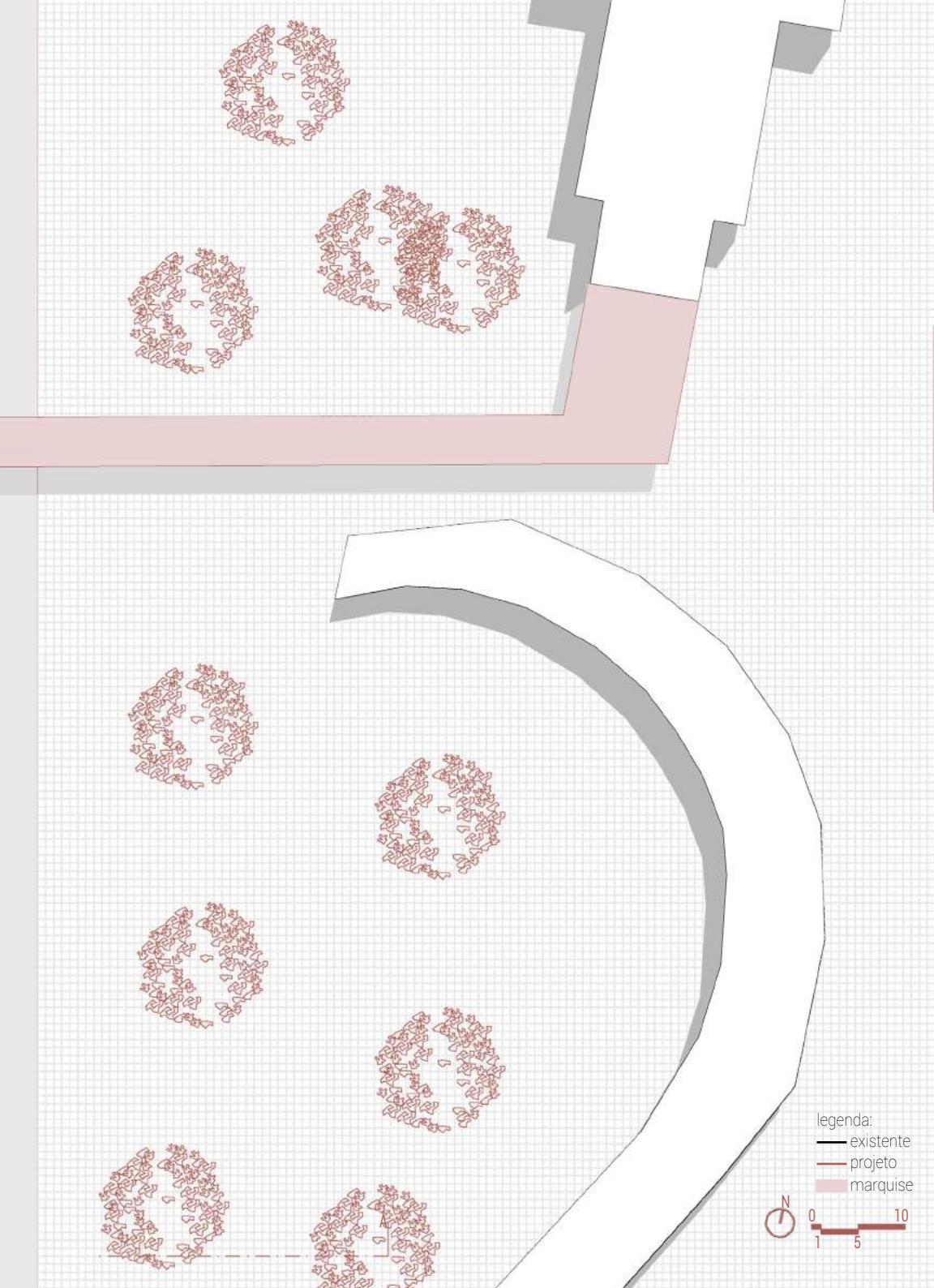
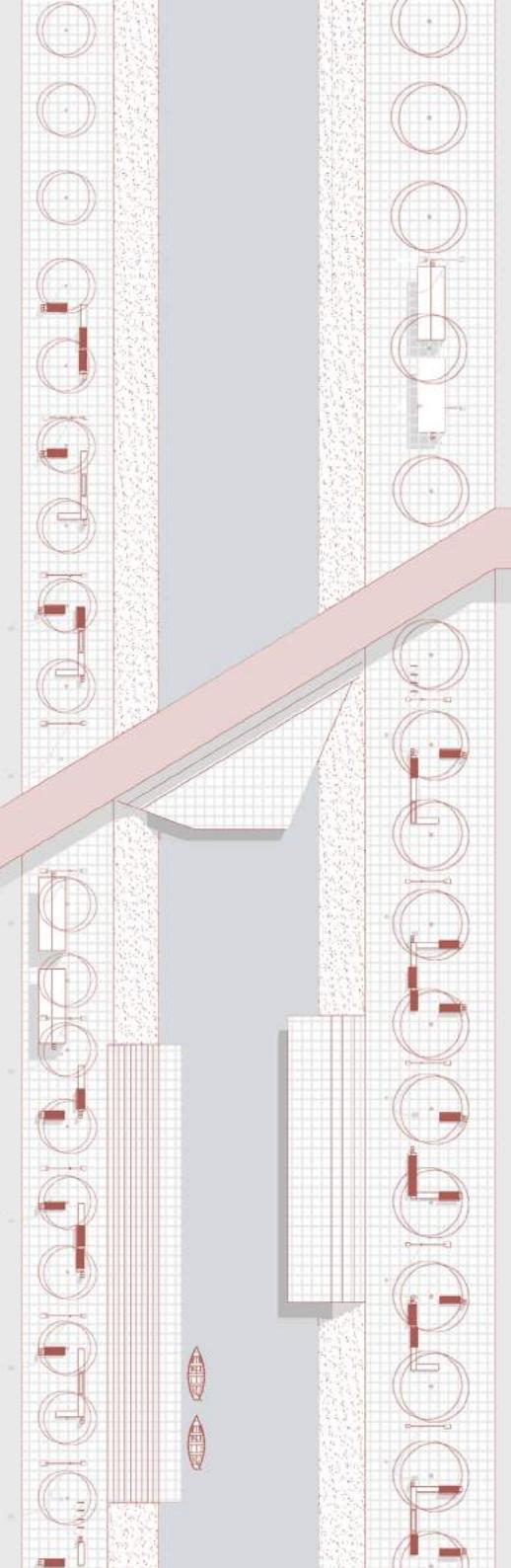
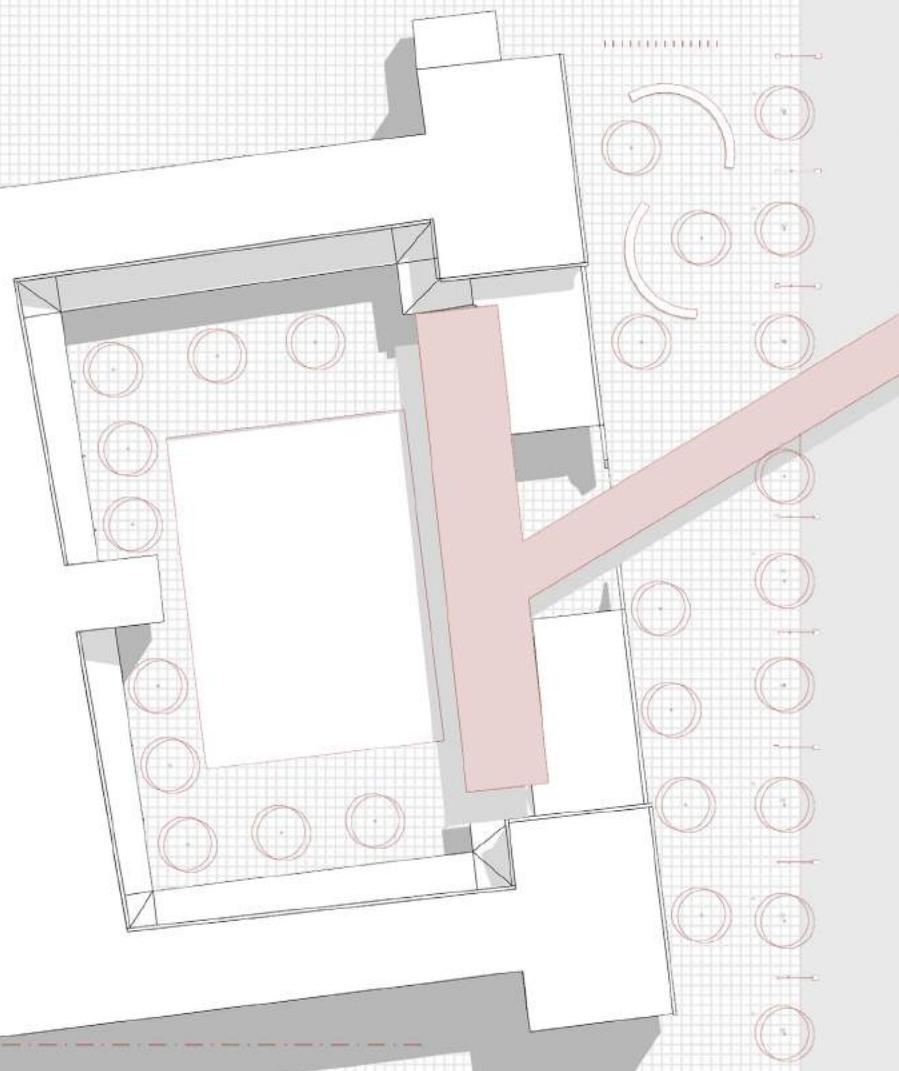
O recorte C contém o edifício histórico do antigo quartel do Glicério, o Rio Tamanduateí e a estação de metrô Dom Pedro II. O projeto é estruturado em duas escadas, a escala local e a escala macro, de conexão metropolitana, visto a existência da Estação de metrô.

Desenvolve-se o projeto de qualificação do rio Tamanduateí, configurando um parque linear em sua extensão. O corte superior ao lado mostra a situação atual, com o rio canalizando, configurando uma fenda urbana, em que a população não estabelece nenhum vínculo seja físico ou visual. No corte inferior tem-se o projeto para a área, com o rio e as margens patamarizados, a fim de permitir o uso enquanto espaço público e melhor drenagem das águas pluviais, funcionando como bacia de detenção.

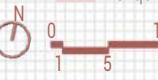


corte da situação atual e corte da proposta.

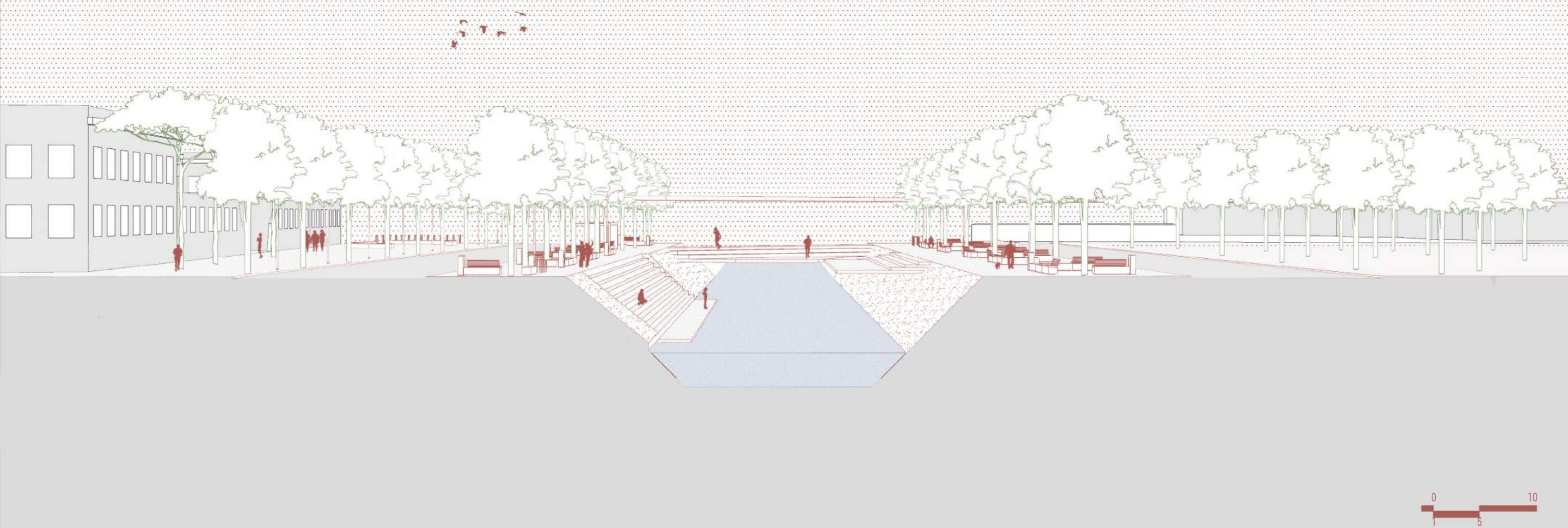
Com o intuito de conectar às margens opostas do rio propõe-se um ponto de travessia coberto, localizado estratégicamente no eixo de ligação entre o pátio do edifício histórico e a estação de metrô Dom Pedro II. A conexão do edifício a estação localiza na outra margem do rio é feita por uma marquise, que sai do metro e se liga ao embasamento do pátio do edifício, abrangendo uma travessia sobre o rio, oferecendo um espaço coberto de passagem e permanência. A travessia coberta se abre servindo como um mirante, que sugere a contemplação da paisagem, um ponto de encontro, que possibilita para além do "passar em", o "estar em".

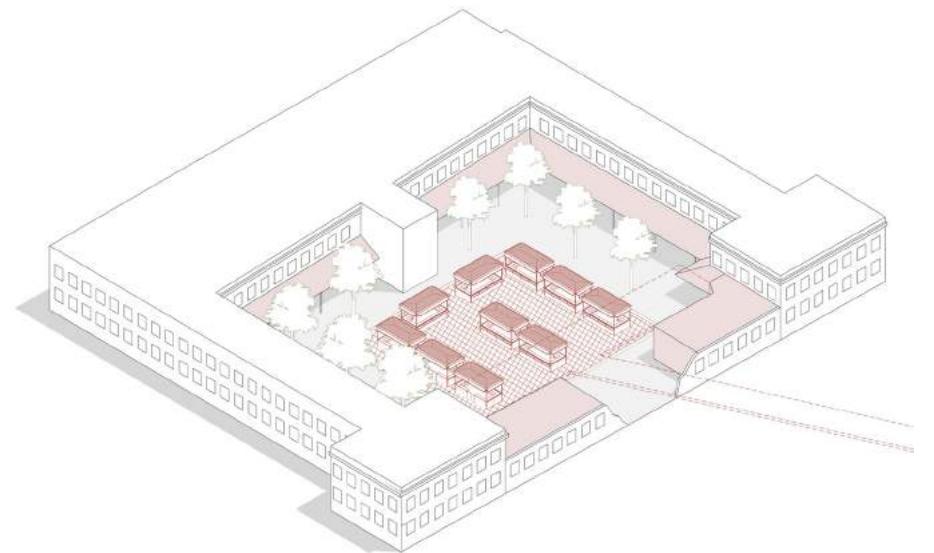
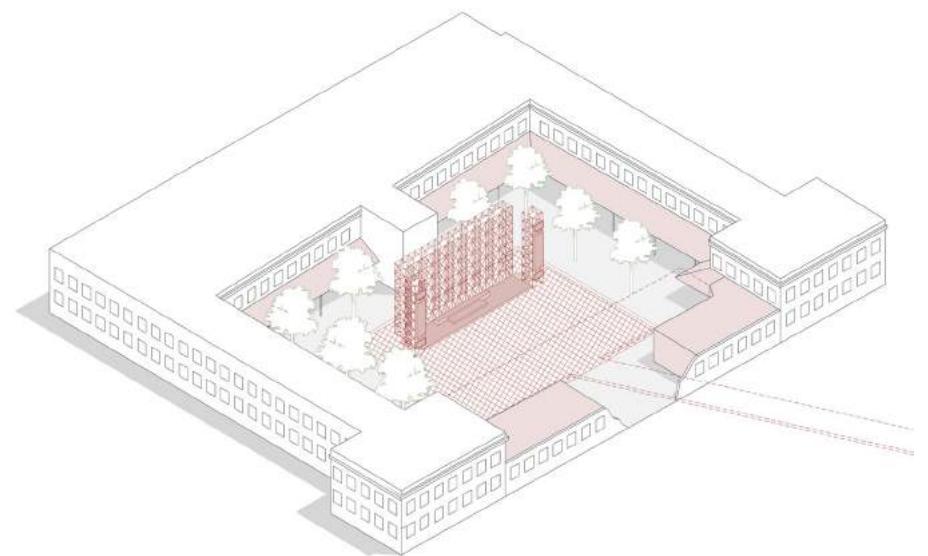


legenda:
 — existente
 — projeto
 ■ marquise



corte AA perspectivado do projeto.





diagramas possibilidades de uso do
pátio do edifício.

legenda:

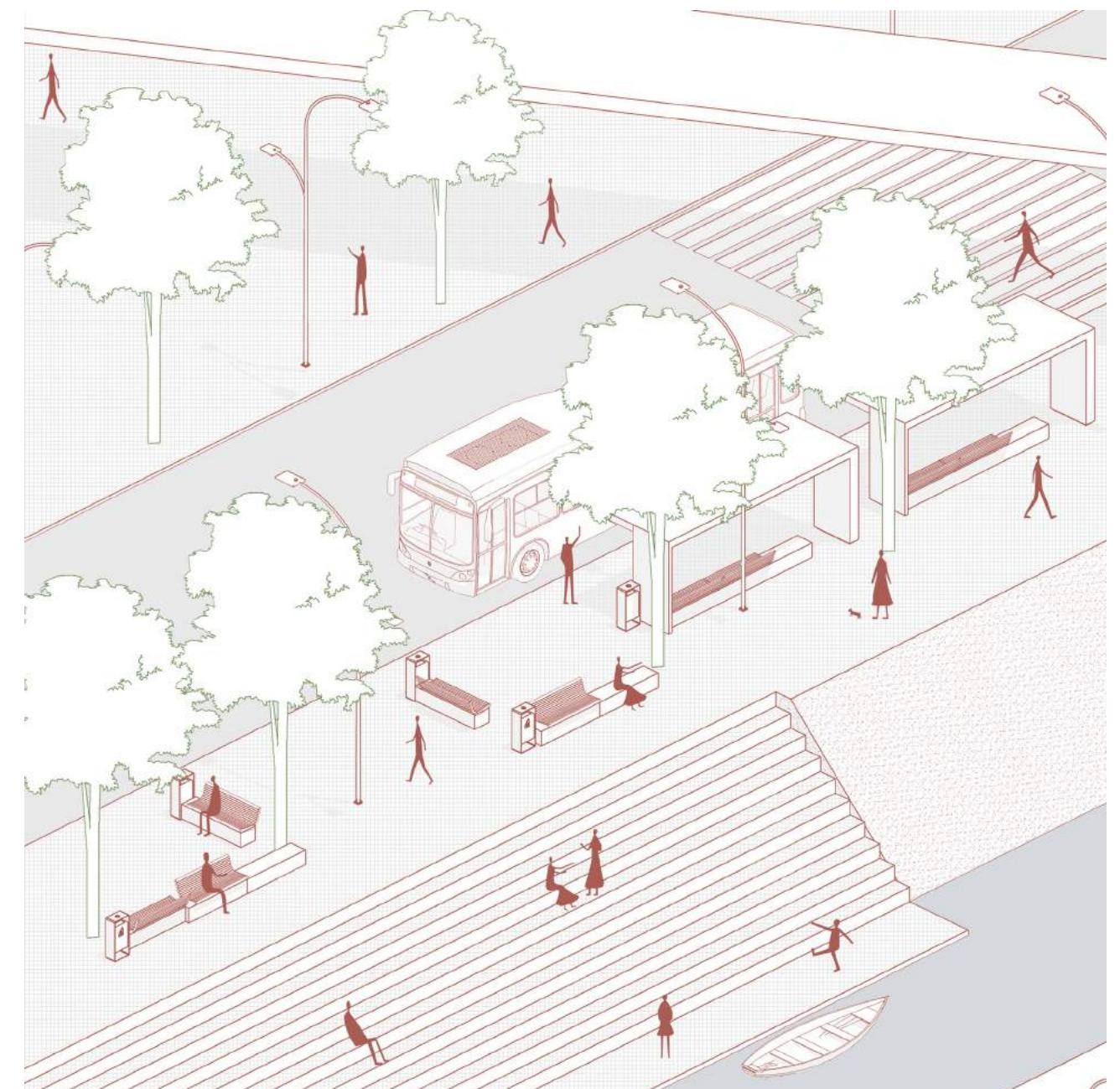
- existente
- projeto
- - - marquise
- comércio + serviços

No edifício histórico existente é proposto o novo uso de habitação, visto que a área apresenta uma quantidade significativa de moradores de rua e habitações precárias, como os cortiços. O pátio interno recorrente da forma do edifício possibilita a fruição pública do térreo, se colocando como uma extensão do espaço público proposto. Além disso, no embasamento existente que circunda o pátio propõe-se comércio e serviços que ativam o uso constante dessa área. O acesso ao pátio é delimitado por uma abertura na fachada do edifício, marcada como uma fenda/rachadura no existente.

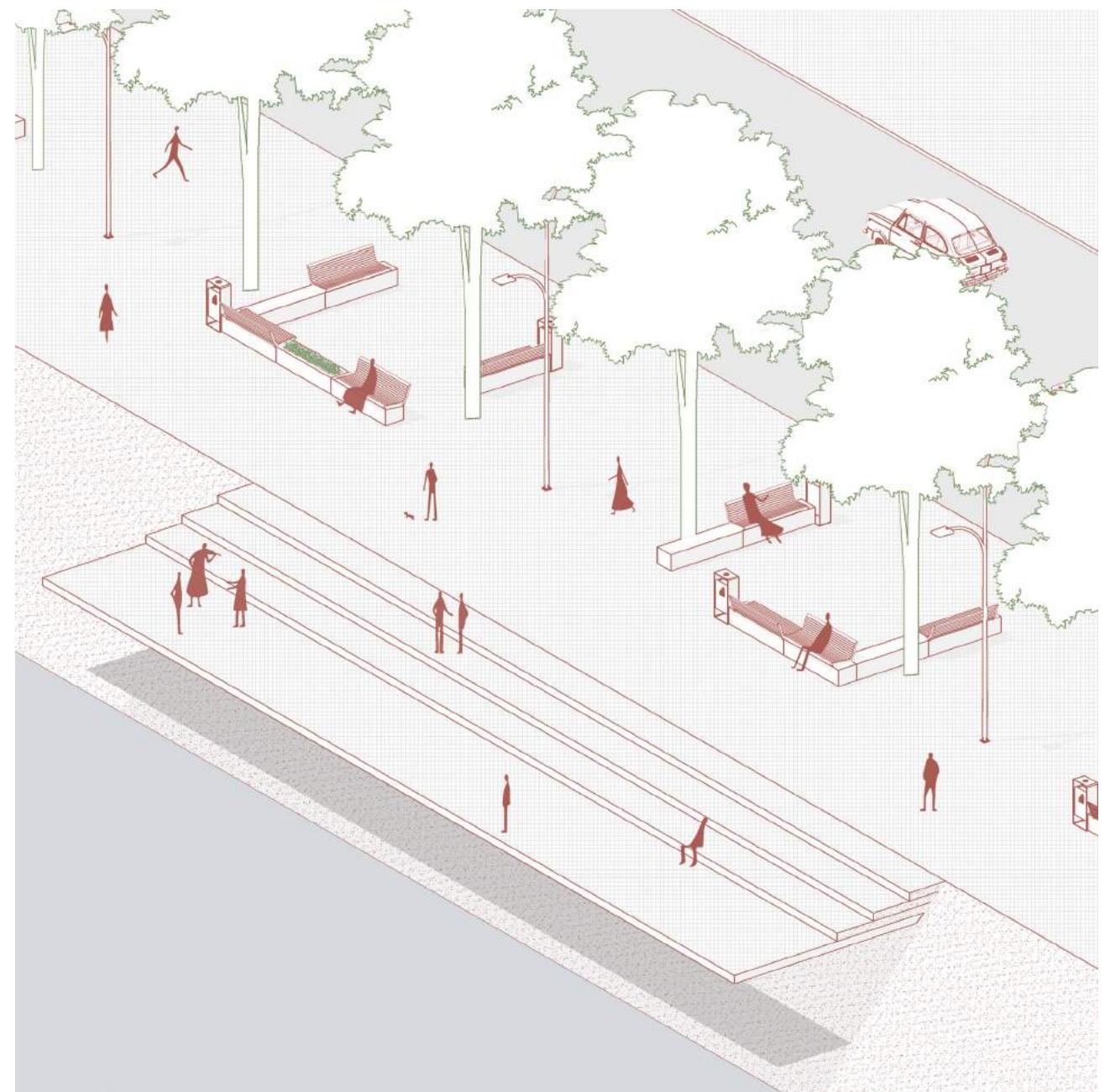
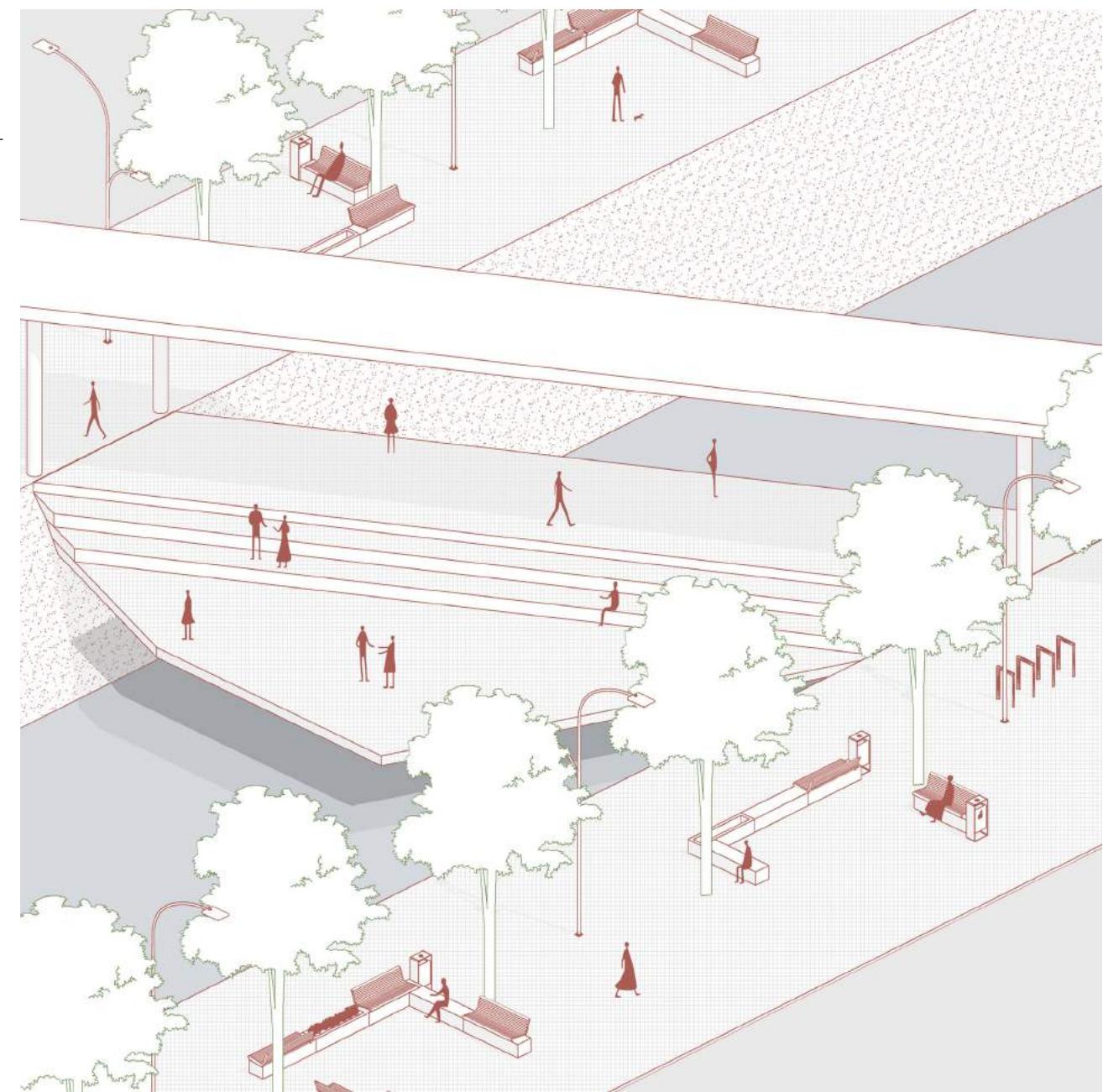
Os diagramas apresentados ao lado ilustram as multiplicades de uso que o pátio aberto possibilita, se colocando como um forte condensador de sociabilidades e fruição pública. São representados no primeiro diagrama a possibilidade de se compartilhar como uma feira ou como um evento de maior escala, como por exemplo shows, conforme apresentado no diagrama inferior.

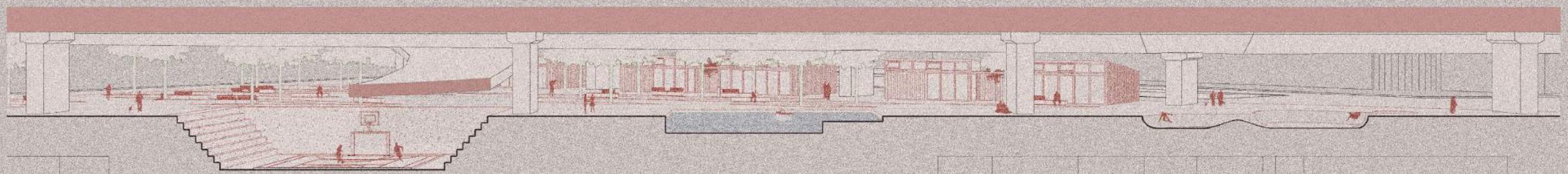
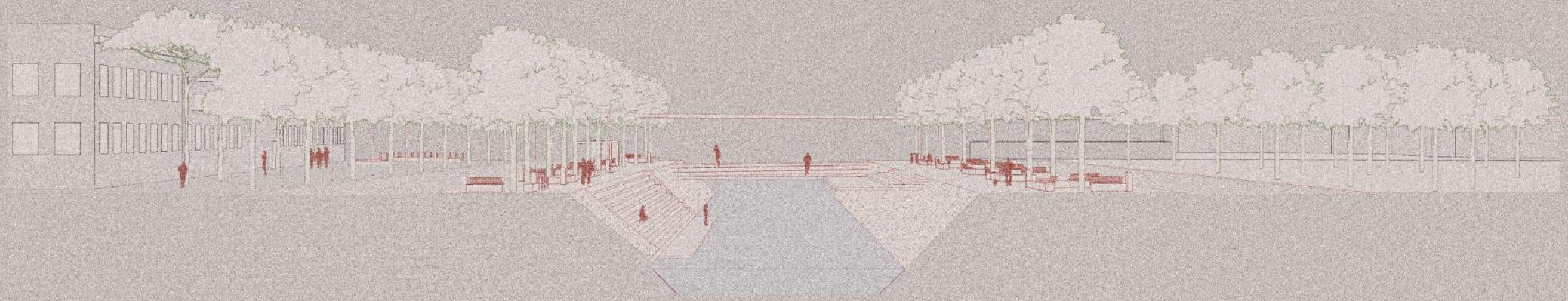
92

Ao longo das margens do rio Tamanduateí foi projetado patamares que desempenham tanto a função de bacia de detenção das águas pluviais, quanto espaço público. As margens do rio são um elemento determinante no desenho desse espaço público, composta por alguns dispositivos que as ativam, como as arquibancadas, que sugerem um contato mais direto com o rio, o mirante patamarizado e um conjunto de mobiliários dispostos em toda sua extensão, como bancos, lixeiras, biciletários, postes de iluminação e pontos de ônibus, além de uma densa linha de arborização. As bordas do rio se configuram assim como diversas possibilidades de uso.



▼ perspectivas da proposta.





04 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

98

BORJA, Jordi. Espaço público, condição da cidade democrática. A criação de um lugar de intercâmbio. Revista Vitruvius, n. 072.03, ano 06, 2006. Disponível em <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/353>

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A reprodução do espaço urbano como momento da acumulação capitalista. 2011.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GUATELLI, Igor. Arquitetura dos entre-lugares. Sobre a importância do trabalho conceitual. São Paulo, Senac, 2012.

GUATELLI, Igor. O(s) lugar(es) do entre na arquitetura contemporânea: arquitetura e pós-estruturalismo francês. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 2005.

HARVEY, David. Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HIRATA, Márcia Saeko. Desperdícios e centralidade urbana na cidade de São Paulo: uma discussão sobre os catadores de materiais recicláveis do Glicério. FAUUSP, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas. Corpocidade: debates, ações e articulações. Salvador, p. 106 – 119, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, 2ª edição.

LEFEVBRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEVBRE, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte, 2008.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.

Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

PALLAMIN, Vera. Formas urbanas em mutação (Entrevista com Otília Arantes), Revista Eptic Online, 2013.

PALLAMIN, Vera. Arte, cultura e cidade: aspectos estético-políticos contemporâneos. São Paulo: Annablume, 2015.

ROCHA, Paulo Mendes; MMBB Arquitetos. Sesc 24 de Maio, 2018. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/889788/sesc-24-de-maio-paulo-mendes-da-rocha-plus-mmbb-arquitetos>>

ROLNIK, R. . O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação a apropriação. Espaço e Tempo, São Paulo, 2006.

WISNIK, Guilherme. Temos espaço público? Revista SescTv, n. 103, 2015. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/9498_TEMOS+ESPACO+PUBLICO?

99

